

ODETTE SERRA CYPRIANO

DEPRESSÃO E TRANSTORNO BIPOLAR

MEMÓRIAS

ÍNDICE

Prefácio.....	3
Só beleza, só cansaço.....	5
Começaram as somatizações.....	14
Pedi socorro!.....	23
Aguardando a morte.....	30
Iniciei o tratamento psiquiátrico.....	43
Caí, levantei-me outra vez.....	51
O princípio do fim.....	62
Um final feliz.....	73
Conclusão.....	78

PREFÁCIO

Escrevi o esboço deste livro quando tinha 43 anos e o engavetei. O principal motivo para não torná-lo público era o receio do estigma. O temor era de que, a qualquer destempero meu, quem lesse o livro me julgasse louca ou qualquer coisa semelhante.

O psicótico maníaco-depressivo ou, como se diz atualmente, o portador de transtorno bipolar, em sua fase “mania” – que em grego significa loucura – , age e pensa completamente fora do real. Seu comportamento extrapola os parâmetros da normalidade, seu agir em muito se assemelha ao de uma pessoa louca.

Retomo este livro agora aos 68 anos de idade, já com pouco receio do estigma, pois 25 anos se passaram e só tive um surto do transtorno bipolar. O que tive ficou, graças a Deus, encerrado em 1980.

Ao longo destes anos tenho procurado alguma literatura a respeito da psicose e notei que os atos insanos cometidos são pouco revelados. De um modo geral, o autor diz estar escrevendo para ajudar alguém no diagnóstico e na compreensão da enfermidade, mas os atos loucos são tratados superficialmente. Na realidade, ninguém conta em detalhes como se comportou na fase “mania”. Resolvi então narrar livremente, com todos os pormenores de que ainda posso me lembrar, como foram os momentos de céu e inferno que vivi.

O livro tem poucas páginas pois trata-se de memórias de uma época pontual, de curta duração, embora durante seu curso o tempo tomasse feições de uma eternidade...

SÓ BELEZA, SÓ CANSAÇO

“Será que vou morrer, agora que descobri um mundo tão bonito?”

Sentada no banco da sala de espera de um pronto-socorro, com dores de cabeça terríveis, fiz aquela desesperada pergunta enquanto chorava convulsivamente no ombro de meu marido.

Justamente quando meu mundo – quase sempre triste e cinzento – tinha se povoado de tanta luz e cores e se mostrava com tanta beleza, começavam as dores de cabeça fortíssimas, acompanhadas de uma sensação de morte a me rondar.

Pela segunda vez, no mesmo dia e pelo mesmo motivo, aguardava ser atendida por um médico. Na primeira vez cheguei quase sem poder falar ou me mover. Já tinha saído de casa com intensas dores de cabeça para levar minha filha Vivian à Escola Municipal de Ballet e lá, sentindo-me muito mal, pedi para ficar deitada na enfermaria da escola enquanto esperava o fim da aula. Como não pudesse mais suportar as dores, solicitei que tirassem Vivian da sala e fomos ao pronto-socorro.

Lá deram-me uma injeção, permaneci deitada um pouco e a dor de cabeça passou. O médico sugeriu que eu ficasse internada no hospital, mas não concordei, porquanto há menos de um mês já tinha ficado internada naquele hospital por dez dias, fazendo sonoterapia.

Naquela manhã em que fui duas vezes ao pronto-socorro, havia me levantado sentindo fortes náuseas e um indefinível mal-estar geral, mas mesmo assim levei à escola meus filhos Débora, Vivian e Rogério.

Como o carro “morresse” em qualquer sinal, às oito horas já estava na oficina mecânica. Em minutos o carro ficou pronto, pois apenas se desregulara.

Tomada por um misto de raiva, desânimo e cansaço, desatei a chorar.

O conserto, tão simples e rápido, me obrigara a dirigir até a oficina e isto demandou muito esforço, porque nos últimos quatro meses vivia permanentemente cansada. Pior ainda – pensava enquanto chorava –, era ter que passar o dia inteiro dirigindo, levando meus filhos a seus diversos cursos, num corre-corre sem fim. Na realidade, queria que o carro precisasse passar ao menos um dia na oficina para eu ficar o dia inteiro descansando.

Chorava tanto que o dono da oficina, vendo-me sem condições de dirigir, prontificou-se a me levar para casa.

Durante o trajeto, entre um assunto e outro, falamos sobre férias, praia, pescaria. Comecei a devanear e imaginei como seria bom pescar, ficar horas e horas quietinha, sentada imóvel. Pensei em férias, em uma casa de praia onde houvesse uma rede e eu pudesse só ficar deitada olhando a paisagem, enchendo meus olhos de beleza. Ao chegar em casa, enquanto esperávamos meu marido descer, mostrei minhas plantas, minhas árvores no quintal. Falava em estado de deslumbramento. A beleza para mim transformara-se em algo capaz de levar ao êxtase. Na realidade, entre outras plantas silvestres, havia no jardim dos fundos um abacateiro, um pinheiro, uma bananeira, um caquizeiro, e outras árvores, que minha mãe plantara a esmo, sem qualquer projeto paisagístico. Com os olhos de hoje, não vejo onde pudesse haver tanta beleza.

Até há pouco apreciava plantas, gostava de tê-las ornamentando minha casa, como qualquer pessoa. De um tempo para cá, entretanto, não só as apreciava, mas plantas, árvores, música, um texto poético extasiavam-me.

Viver num mundo povoado de beleza era uma experiência nova que, se por um lado me levava ao êxtase, por outro me assustava muito. Sentia que alguma coisa errada estava acontecendo comigo, pois tinha sempre enxergado meu mundo só povoado de tonalidades esmaecidas, sem acordes a vibrar, de emoções raras e reservadas.

Num salto, em tão extremo oposto, meu mundo pálido transformara-se em outro, só de cores, flores, música, tonalidades e fortes emoções.

Sempre fui tensa, e subitamente passei a viver num estado de relaxamento completo. Antes passava os dias a “correr” atrás dos minutos; agora me esquecia das horas quando numa conversa agradável, ou num devaneio sobre a beleza da vida. Vivia permanentemente alegre, num mundo todo particular meu, em que não havia jamais um incidente que abalasse meu bom humor. Estava constantemente feliz, mas repetindo como seria bom se tivesse uma rede para ficar descansando...

Naquela fase passei a andar o dia inteiro de tênis, a exaustão era tão grande que até um calçado parecia pesar.

Acredito que estava com a aparência de uma adolescente “deslumbrada”: magrinha, sempre de calças compridas e tênis, rabo de cavalo, falando sem parar, desinibida, risonha, agitada.

Apesar de estar em tratamento médico há dois meses, já constando do meu currículo uma sonoterapia seguida de psicoterapia comportamental, ninguém ainda havia falado em tratamento psiquiátrico ou especificamente em distúrbio bipolar.

Mas lá estava eu, nessa fase, mergulhada na psicose em seu período de euforia (mania).

Quando pesquisei sobre a doença, depois de muitos horrores e sofrimentos que vim a passar, encontrei enumerada nos manuais de psiquiatria a tríade clássica daquela fase: excitação, fluência verbal e aumento da atividade motora. A literatura médica também definia o humor do doente como de excessiva alegria, euforia, genialidade, desinibição, e às vezes êxtase.

Enquanto lia aquelas páginas vi meu retrato desenhado com perfeição. Saltava das páginas a minha imagem daquela época: agitada, eufórica, desinibida e que se extasiava com o belo.

Entretanto, ao me comportar daquela forma, ainda não sabia que estava emocionalmente doente. Como a minha queixa física era de profundo cansaço, fiz um autodiagnóstico: “*stress* tamanho família”.

Tal explicação, tão simplista, me parecia na ocasião perfeitamente aceitável. Há anos levava uma vida de corre-corre, sempre sob pressão de horário, levando meus filhos a seus variados cursos. Nos últimos dois anos decidira não ter mais motorista particular, dirigindo eu própria, tarefa que sempre detestei e me deixava em permanente estado de tensão. De qualquer maneira, a “super-mãe” corria, contando minutos, das escolas para as aulas de natação, tênis, de balé, de futebol de salão, de digitação, e outras. Dirigir e mais ainda, em tal ritmo, exigia de mim enorme esforço. Assim ficava fácil acreditar que tanto esforço provocara um grande *stress*.

Outro motivo, e desta vez bem maior, fortalecia meu autodiagnóstico.

Há pouco meu pai, que morava comigo, morrerá, um mês após ter sofrido um derrame cerebral. Nesse período, com a empregada em férias, comecei a emagrecer e a me arrastar de cansaço, que atribuí a dois sintomas: muita tensão e desgaste físico.

Porém, com a morte de meu pai, outros sintomas surgiram. Já não só emagrecia ou me arrastava extenuada, mas chorava muito e sentia um enorme cansaço mental.

Comecei a chorar em seu enterro, sem que até aquele instante tivesse derramado uma lágrima; um mês se passou e ainda continuava chorando.

Durante o enterro surpreendi minha filha mais velha, Débora, com tão copioso pranto.

De volta à casa ela comentou jamais ter imaginado que eu pudesse ter tido tal reação, pois sempre me achara tão...

Não terminou a frase, eu o fiz:

“Tão fria.”

Débora meneou a cabeça num sinal afirmativo. Eu sabia o que ela ia dizer, visto que há muito controlava minhas emoções, grandes ou pequenas, boas ou más, demonstrando-as em raras e reservadas ocasiões.

Pertencia ao passado a jovem que ao ingressar na Faculdade de Direito da USP era a “caloura risonha”.

Com o passar dos anos, após meu casamento tornei-me a “lady”, como dizia minha mãe, por vezes estupefata com o autocontrole por mim demonstrado.

Tal domínio sobre minhas emoções fui adquirindo ao longo dos anos em que só desempenhei o papel de mãe-esposa. Sentia um grande vazio na vidinha que levava, onde não havia lugar para relações sociais com pessoas que falassem a minha língua, onde não podia ser respeitada como profissional, e sobretudo onde não havia espaço para preencher meu vazio intelectual.

Mas, estava tão convicta de que minha meta era educar Débora, Vivian e Rogério da melhor forma possível, que enterrei bem fundo o sonho de uma vida diferente. Modelei então a “lady”, reservada, polida, com muito autocontrole para não correr o risco de explodir a qualquer hora e atirar para o alto o esquema de vida que traçara. O inconsciente por vezes me pregava algumas peças. Débora tem lembranças de me ver chorando, sentada nos degraus de uma escada no quintal, e entre soluços dizer que chorava por me sentir infeliz.

Tirando uns poucos segundos em que abria uma brecha na minha couraça, o resto do tempo ficava resguardada na armadura de mãe dedicada, a postos vinte e quatro horas por dia para atender às necessidades das crianças.

Certa vez li numa revista diversas definições de mãe dadas por crianças. Uma delas definia a mãe como: “é aquela para quem a gente pede à noite uma fantasia de pastor e a encontra pronta nos pés da cama no dia seguinte”.

Meus filhos provavelmente definiriam assim: “é aquela para quem a gente pede a fantasia para hoje, mas ela já tinha adivinhado e a fantasia estava pronta desde ontem”.

Cheguei até a tentar me livrar daquela vida neurótica, pontilhada de perfeccionismo e de uma ansiedade brutal.

Quando minhas duas filhas eram bem pequenas, na tentativa de preencher meu vazio intelectual, levantava às três horas da madrugada para escrever contos infantis. Não deu certo, pois além de não ter talento nenhum para aquela literatura, também desisti submetendo-me às reclamações de meu marido de que o acordava.

Fiz algumas incursões pela advocacia e numa delas, quando já tinha me firmado profissionalmente e podia contar com clientes, decidi abrir meu escritório sozinha.

Enquanto cumpria o aviso prévio engravidei do meu último filho e adiei o projeto uma vez que, definitivamente, trabalhando sem nenhum colega, gravidez, parto e amamentação não encontravam espaço.

Contudo, até hoje tenho dúvidas se conseguiria ser profissional e mãe sem culpas. Era sempre assaltada pelo temor de estar abandonando meus filhos.

Certa vez, no Fórum, um colega convidou-me para tomar um lanche. Recusei imediatamente dizendo: “Não posso, imagine se alguma das crianças fica doente, precisa de mim, e eu estou tranqüilamente tomando lanche com você.”

Não me concedia um minuto de bate-papo, cheio de risos e lembranças da escola; estava sempre com pressa de voltar para casa e ver se tudo ia bem.

Como àquela altura já não tinha mais individualidade – era só um alguém a serviço de outros, com pouco ou nada recebendo em troca – , passei a me sentir uma minhoca que rasteja pelo chão e pode ser facilmente pisada e esmagada, tão pequeno o seu valor. Já sem nenhuma auto-estima, recebia e aceitava reprimendas por todos os lados. Quando era mãe-motorista tornava-me alvo de grandes broncas, especialmente da Débora, se me atrasasse.

No trabalho, se por infelicidade alguma das crianças adoecesse e eu não fosse localizada no escritório, a criança febril era convencida a não falar: “quero mamãe”, pois “senão o papai chega e fica muito bravo com a mamãe porque ela está trabalhando.”

Nada fazia para mudar esse estado de coisas, até que a morte de meu pai fez tudo explodir. Ele se foi, deixando desabados meu autocontrole, meu vigor físico e mental.

Os dias passaram a se arrastar e eu com eles, pois já não andava, arrastava-me literalmente.

Minha primeira passagem por um médico foi num pronto-socorro cardiológico. Sentia fortes dores no peito, não podia andar e não tinha forças para segurar um lenço. Após um eletrocardiograma, saí com uma receita de tranqüilizante para tomar de manhã e à noite, além da sugestão de fazer uma psicoterapia.

Não me recordo como os demais dias se passaram, apenas que depois de dezoito dias achei melhor parar de tomar o tranqüilizante receitado. Sem ele

não consegui dormir à noite. Quando vi que o dia clareava, levantei-me, chorando sem parar.

Desesperada, resolvi ligar para o nosso médico, Dr. Sérgio. Aos prantos disse-lhe que desde a morte de meu pai vinha passando muito mal e perguntei se ele, como médico, poderia fazer algo por mim.

Dr. Sérgio atendeu-me no mesmo dia.

No consultório, assim que comecei a falar desabei em prantos, dizendo em meio aos soluços que na sala de espera eu vira um velhinho alquebrado e “não sabia por que Deus fazia aquilo com ele”.

O médico examinou-me acuradamente, enquanto eu demorava para responder às suas perguntas, pois sentia um tal cansaço mental que meus pensamentos se tornavam muito lentos. A propósito, contei que quando tinha tentado ver uma coreografia de Vivian, chorara de pura exaustão pelo esforço feito para concentrar-me, tão grande era meu cansaço mental.

Ao final da consulta, Dr. Sérgio disse que eu deveria fazer uma sonoterapia e, para tanto, ficaria internada por três a quatro dias. Como estávamos no final de agosto, perguntei se não poderia ficar internada nos feriados de setembro, a fim de não prejudicar minhas atividades de mãe-motorista. Ele não concordou com meu pedido, e na saída do consultório pedi-lhe que telefonasse a meu marido porque receava que ele não me desse muito crédito e achasse a sonoterapia desnecessária.

Meu temor não era tão infundado – já sentia um clima de irritação por parte dos que me cercavam, todos fartos dos meus choros, do meu abatimento, das minhas queixas de cansaço.

Vinha ouvindo freqüentemente, de parentes e amigos, que a perda de um pai, uma mãe, é um evento natural, biologicamente obrigatório, e pelo qual todos passavam. Repetiam sempre que eu não poderia fazer nada senão conformar-me e reagir para sair da depressão em que mergulhara.

“Reaja, saia, distraia-se, é o que falavam.”

Recebi torrentes de conselhos, livrinhos da linha “domine sua mente”, como se eu fosse culpada por achar-me em tal prostração, ou uma fraca muito cacete, adorando embalar-me em autopiedade.

Sem capacidade de reação, eu até mesmo tentava ler os livrinhos, certa de que realmente tudo dependia de mim. Nunca ia além da primeira página, visto que já não tinha nenhuma concentração.

Sorria quando obrigatório. Chorava, me arrastava e ouvia frases absurdas como esta dita por um cunhado: “Se você despedir sua empregada e tiver todo o serviço para fazer, não vai dar tempo de ficar deprimida.”

Posteriormente, quando minha depressão veio a eclodir com intensidade violenta, muitas vezes desejei ter algo apenas físico, virulento, para que ninguém me dissesse que para sarar bastava apenas que eu quisesse.

É muito triste ser um doente emocional.

Quando na fase mania (euforia) me extasiava com a beleza, cantava muito porque estava livre do convencionalismo, vivia feliz, mas depois, ao sucumbir numa atroz obsessão, sussurravam que estava louca. Não escapei das risadinhas caçoístas e de leigo prescrevendo a meu marido um tratamento doloroso e absurdo.

As feridas abertas por tanto desrespeito não cicatrizaram nunca, bem como a vergonha que até hoje sinto de algumas “loucuras” cometidas. As lembranças trazem uma dorzinha fina e muita angústia ao ver como é tratado o doente emocional.

Mas, ao fazer um balanço, reconheço como foi lindo ver tanta beleza que não conhecia, e saudades por não vê-la mais!

COMEÇARAM AS SOMATIZAÇÕES

Iniciei minha sonoterapia, mas não passava dias inteiros a dormir. Somente o fazia algumas poucas horas durante o dia e à noite. Neste período pouco dormia, ou pelo menos muito mal. Tomava remédios de cores e tamanhos diversos ao longo do dia.

Creio que no terceiro dia, um dos médicos da equipe do Dr. Sérgio (eram quatro) mandou-me sair do quarto e passear entre as áreas livres fora do corpo do hospital. Falei que não tinha vontade pois da minha janela ficava observando os jardins, os carros, o que me distraía bastante. Ele insistiu, dizendo que não poderiam aquilatar o meu estado se continuasse fechada no quarto.

Respondi:

“Não quero sair porque lá fora tem problemas.”

Mal acabei de dizer isto, senti que dissera algo errado. Pensei: “Será que estou ficando louca?”, e pensei mais: “Esta história de ‘tem problemas lá fora’ é típica de gente louca.”

Assim, assenti em sair do quarto.

Andei um pouco lá fora, encontrei um primo de meu marido acompanhado da esposa e do bebê, conversamos, acariciei a criança e voltei para o quarto.

No caminho de volta segurava-me nas paredes; parecia que minhas pernas não iriam me sustentar e iria cair a qualquer instante. Entrei no quarto e caí na cama em estado quase cataléptico.

Pouco depois a copeira chegou com o almoço e aos prantos eu lhe falei que não podia me mexer. Ela saiu apressadamente e logo em seguida veio uma funcionária com a qual eu simpatizara bastante, e parece-me que cuidava da parte administrativa do andar. Não me recordo dos detalhes, mas sei que ficamos conversando um bom tempo, ou melhor, eu fiquei monologando e ela só se retirou quando me sentei e comecei a almoçar.

Naquele mesmo dia, à tarde, outro médico da equipe visitou-me, e mais uma vez por longo tempo, monologuei.

Que treino devem ter médicos, enfermeiras e funcionários de um hospital para ouvir, ouvir, ouvir...

Continuei a dormir mal à noite e acordava assustada quando, pela manhã, entre cinco horas e cinco e meia, entrava um enfermeiro para me dar um remédio. Como todas as vezes em que era acordada com os passos do enfermeiro achava que estava em casa, assustava-me pensando estar acordando atrasada e ter perdido a hora de me levantar.

Os dias foram passando, eu sempre dormindo mal, mas já conseguia ler por um tempo prolongado.

Refletia sobre muitas coisas e certa vez, quando o Dr. Sérgio entrou, fui logo dizendo que fizera uma descoberta: “Descobri que não foi a morte de meu pai que me causou isto. Ela foi apenas a eclosão de uma vida inteira de tensão.”

Não me lembro bem de sua resposta, mas vagamente parece que foi: “Viu, a senhora aqui no hospital já descobriu uma série de coisas.”

Algo porém me preocupava seriamente.

Desde que afirmei: “Lá fora tem problemas”, comecei a pedir ao Dr. Sérgio que levasse um psiquiatra para me examinar. Falei em aplicação de testes tipo Rorschach ou qualquer coisa assim, pois pouco ou nada entendo de psiquiatria. Somente de uma coisa tinha certeza: receava estar ficando louca.

Ante meus insistentes pedidos ao Dr. Sérgio sobre a ida de um psiquiatra ao hospital, ele chegou a falar com um, mas este achou aconselhável que eu o procurasse em seu consultório.

Após dez longos e sofridos dias tive alta. Não estava boa, mas “retemperada”, como disse o médico. Ainda na manhã que antecedeu minha alta acordei chorando, depois de uma noite maldormida, e afirmei ao médico assistente:

“Tenho a sensação de ter tido sempre uma barra de ferro presa por parafusos em minhas têmporas; ela agora ter se soltado e, minha cabeça estar cheia de caquinhos todos soltos.”

Ele disse saber que eu iria para casa sem estar completamente boa, mas que ficaria muito bem com o tratamento psicoterápico.

Voltei para casa, retomei minha vidinha de dona-de-casa, motorista e advogada duas vezes por semana.

Embora não mais tivesse problemas de cansaço mental, pouco produzia.

No primeiro dia em que retornei ao Fórum, no caminho achei que ia ter um enfarto. Tive que fazer uma parada no serviço médico e lá, como tantas outras vezes, só me deram um calmante. Voltei a chorar, manchando todo o rosto de rímel, que depois desisti de usar porque sempre estava chorando. Pensava que isto não voltaria mais a acontecer depois da sonoterapia.

Começavam agora outros problemas.

Ao examinar autos no Fórum, meus olhos doíam terrivelmente. Marquei hora num oculista e comecei a ver andamentos de processos apenas se não precisasse utilizar a vista por tempo demorado. De uma forma geral, consultava apenas as últimas páginas dos autos para ver o andamento, transcrevia na minha ficha ou copiava algum detalhe significativo, desde que este fosse relativamente breve.

De volta ao escritório, geralmente lia minhas anotações a meu chefe e colega Dr. André, colocando as fichas a grande distância da vista, pois caso contrário, não conseguia ler.

Já não ia mais de carro para o Centro.

Deixava-o na firma de meu marido e lá tomava um táxi para onde quisesse ir. Uma vez não consegui voltar dirigindo. O carro ficou na firma e eu voltei para casa com meu marido. Meus olhos doíam de tal forma que não me achava capacitada a dirigir.

O estranho nesse embaralhado todo de sintomas novos sempre surgindo é que intelectualmente eu estava com uma capacidade que às vezes me assombrava. Passei subitamente a recordar-me de brocardos latinos que aprendera no primeiro ano da faculdade, e encontrava grande facilidade para compreender as exposições do Dr. André. O Código de Processo Civil sofrera uma alteração enquanto estive afastada da advocacia, e assim ouvia e captava

com extrema facilidade as explicações, além de estudar em casa. Além disso, estava também com uma grande facilidade de palavra, expressava-me com uma fluência que nunca possuía.

Isto vinha acontecendo desde que saíra da sonoterapia em setembro.

Todavia, minha concentração em outras áreas estava bastante diminuída. Tinha passado a anotar em uma caderneta providências que deveria tomar, mas com frequência esquecia-me de consultar as anotações.

Pela primeira vez, desde que meus filhos entraram na escola, esqueci-me de comprar presentes para o Dia dos Professores.

Eu, que sempre observara com rigidez os horários dos meus compromissos, comecei a perdê-los. Naquela época adorava ficar conversando, e por vezes esquecia-me completamente de horários.

No estado de euforia e lassidão em que me encontrava, acreditava ser uma transformação por que passara em consequência da psicoterapia comportamental que fazia. Avaliava que através dela finalmente descobrira quão simples e belo é o mundo e que para desfrutá-lo meu comportamento havia mudado. Convencera-me de que não poderia continuar levando uma vida cheia de ansiedade, pontilhada de atitudes perfeccionistas que antes nunca me permitiram um atraso, um esquecimento.

Os meses de setembro e outubro se passaram, ocorrendo comigo coisas incríveis. Sentia-me com uma clareza de raciocínio e uma capacidade intelectual agudíssimas. Ao mesmo tempo, tinha em fins de semana dores de cabeça lancinantes. Permanecia em meu quarto com janelas e vidros fechados, pois o mínimo ruído fazia minha cabeça martelar atrozmente; nele só entravam para levar as bandejas com refeições. Não as dispensava jamais por viver permanentemente com fome, e mesmo com superalimentação meu peso jamais aumentava.

As dores de cabeça eram apenas em fins de semana. Durante os demais dias da semana me desincumbia de minhas obrigações normalmente.

Quando digo normalmente quero dizer que nada fugia à rotina obrigatória. Entretanto, as coisas que se passavam comigo não eram nada normais.

Lembro-me de certa manhã em que estava no clube, tomando sol à beira da piscina. Comecei a conversar com duas senhoras, e entre um assunto e outro falaram em feira. Disse-lhes que achava uma tarefa cansativa, irritantemente barulhenta a que já não me dedicava há anos. Enquanto falava sobre quão cansativa era essa obrigação semanal, comecei a sentir-me exausta, a falar arfando, e disse às senhoras que iria ficar quietinha um pouco pois ficara subitamente muito cansada. Fui relaxar na cadeira, fechei os olhos e ouvi uma das senhoras dizer:

“Veja como é psíquico, ela falou que a feira a cansava e imediatamente sentiu-se cansada.”

Outra vez, quando estava no cabeleireiro do clube fazendo as unhas, a manicura perguntou-me se eu viera da sauna, tão relaxada estava. Quando ela terminou de pintá-las eu olhei e disse que aquela cor rosa estava muito viva. Ela assegurou-me que era o mesmo rosa-claro que eu sempre usara. Só então lembrei-me que ultimamente as cores, de forma geral, me pareciam mais vibrantes.

Ouvi um comentário dela: “A dona Odette hoje está engraçada, achando tudo diferente.”

Fiquei assustada e pensei: “Estou parecendo uma drogada. Imagine se faço uma somatização e fico de olhos injetados. Se uma notícia dessas se espalha pelo clube, estou perdida.”

Naquela altura, já nem sabia mais o que em mim seria físico ou psíquico. Segundo meu psicoterapeuta, fazia somatizações. Assim, uma das minhas dores de cabeça de fim de semana fora proveniente do fato de precisar mentir a meu marido sobre o boletim de minha filha Vivian. O boletim escolar estava péssimo, e conseqüentemente ele ficaria muito bravo, e como se diz usualmente, a casa iria “cair”, além de ela provavelmente ser punida, não indo ao seu ensaio de balé no sábado.

Bem, naquele sábado as dores de cabeça foram violentíssimas, e no fim da tarde sentia as paredes do quarto balançando, como se a casa fosse realmente cair.

Domingo cedo, quando já podia falar do boletim, levantei-me com ótima disposição como se no dia anterior não tivesse tido nada.

Se realmente fazia somatizações não sou especialista para afirmar, mas o fato é que ocorreram situações absolutamente estranhas.

Em meados de outubro fui ao Teatro Municipal a fim de adquirir ingressos para o Ballet Stuttgart.

O Teatro Municipal me trazia grandes e preciosas recordações de meu pai. Com ele, desde menina e depois adolescente, assistira à apresentação de concertos sinfônicos, óperas, balés. Lembro-me da primeira vez que lá estivemos, antes de iniciar-se o espetáculo, de ter falado, em voz alta de criança: “Papai, que música feia”, e ele, sorridente, fazer-me “psiu”, dizendo que os músicos estavam afinando os instrumentos.

As idas ao Municipal invariavelmente se constituíram em momentos felizes, belos e inesquecíveis.

Sempre que penso em espontaneidade infantil, recordo-me da minha atitude natural de levantar-me para aplaudir o grande bailarino Nureiev.

Com o passar dos tempos ficaram profundamente guardadas as lembranças de meu pai, do Municipal e daqueles momentos de tanta beleza.

Não sei se evocava ou não estas lembranças quando voltei ao teatro para comprar os ingressos, três meses após sua morte. Apenas sei que ao chegar lá fui tomada de profundo cansaço, não consegui enxergar a disposição dos lugares no mapa e precisei pedir a alguém que preenchesse meu cheque, pois mal conseguia enxergar.

Ao sair de lá não podia levantar os olhos. Atravessei o Viaduto do Chá, na direção da Rua Quintino Bocaiúva, e saí para ir ao escritório apenas olhando para o chão. Quando tive necessidade de atravessar uma rua, pedi ajuda a uma senhora visto que não podia levantar os olhos para a luz. Podia apenas manter a cabeça baixa.

Ao chegar ao escritório a secretária, assustada, ligou para o oculista com quem tinha hora marcada para daí a alguns dias. Colocou-me dentro de um táxi dando o endereço por escrito ao motorista. Este, provavelmente penalizado com

meu estado, pois em momento algum levantara os olhos, conduziu-me até a porta do consultório.

Lá permaneci o tempo todo com os olhos baixos, sentindo náuseas ao ficar olhando o tapete.

Embora em tão deplorável estado, conversei em inglês vivamente com uma senhora e sua filha que estavam na sala de espera.

Tais contrastes comportamentais até hoje são inexplicáveis para mim.

Entrei no consultório ainda de olhos baixos e assim permaneci até que o oculista, depois de me deixar sentada por um breve tempo, conseguiu fazer o exame de vista. Durante o exame perguntei-lhe se não haveria a possibilidade de ser psíquico o meu problema oftalmológico. Contei que desde que meu pai morrera apresentava tantos distúrbios de origem psíquica que já nem mais sabia quando algo era orgânico ou psíquico. Ele assegurou-me que era realmente um problema físico, e assim saí de lá com uma prescrição de óculos para perto, de grau quase insignificante.

No dia seguinte achei ter descoberto o que motivara a minha parcial perda de visão. Fiquei felicíssima com esse autodiagnóstico: era fotofobia. Minha mãe padecera dela muitos anos atrás e me recordo de ter havido uma ocasião em que, por ordem médica, ela ficou em seu quarto em absoluta escuridão. Radiante por ter tido tal lembrança, tudo me pareceu de explicação bem fácil. Como os dias andavam muito claros, muito ensolarados, uma fotofobia, que deveria ser hereditária, simplesmente se desencadeara.

Feliz, passei o dia nas minhas andanças costumeiras, protegida por óculos escuros, indo e vindo de lojas de tintas, pois a pintura da casa, feita para a festa de aniversário de quinze anos de Débora, estava nos retoques finais.

Apenas achava estranho minha vista estar nublada a ponto de pensar: “Se o carro estivesse com o vidro mais limpo, ou melhor ainda, se não tivesse vidro, estaria enxergando muito melhor.”

Dois dias depois levantei-me dizendo que minha fotofobia piorara sensivelmente. Mesmo de óculos escuros só podia permanecer dentro de casa.

Telefonei a meu marido pedindo que viesse para casa a fim de levar-me novamente ao oculista.

Saí com os olhos vendados, só retirando a venda dentro do carro.

Quando chegamos em frente ao prédio do médico, pedi a meu marido que me deixasse na porta e depois fosse estacionar o carro. Ele disse que pararia bem próximo e assim teria bem pouco para andar. Então descemos do carro, dei poucos passos, apertei seu braço fortemente e disse:

“Estou com medo de andar.”

Fiquei sem visão alguma.

Com a venda nos olhos, como se fosse cega, cheguei ao consultório. Lá o médico pingou um colírio em meus olhos, enquanto eu esperneava dizendo que não podia abri-los porque a dor era terrível.

Que dor tão grande seria aquela, que eu não desejava abrir os olhos para ver?

Não sei.

Todo aquele episódio é ainda para mim uma lembrança dolorosa que me constrange muito evocar.

Bem, colocado o colírio, deixei o médico examinar minha vista. Terminado o exame, ele virou-se para meu marido e disse:

“Ela não tem nada na vista e precisa de uma psicoterapia.”

Literalmente desabei sobre uma cadeira dizendo: Psíquico, outra vez? O que vou fazer? Minha filha vai fazer quinze anos!

Fiquei sem dizer mais uma palavra. Devo ter-me desligado de tudo ao meu redor, aturdida com a realidade que me fora imposta. Meu marido comprou-me um colírio dizendo ter sido receitado pelo médico, mas jamais consegui me lembrar de ele ter recebido aquela receita.

Voltei para casa sem falar mais nada.

As coisas que me aconteciam pareciam assustadoras e não mais sabia o que fazer com tantas manifestações psíquicas.

PEDI SOCORRO!

O aniversário de Débora transcorreu com a mais absoluta perfeição.

Trabalhei o dia inteiro organizando a festa e não deixei escapar um mínimo detalhe. Contudo, nesse momento minha concentração deixou muito a desejar. Durante todo o dia movimentei-me com grande lentidão, muito atenta a todos os meus gestos. Sabia que se não prestasse muita atenção ao que estava fazendo, se deixasse um objeto em algum lugar e fosse fazer outra coisa, poderia vir a esquecer onde o deixara. Sabendo disto fazia tudo devagar, mas com grande esmero e perfeição. Lembro-me de ter arranjado um vaso de rosas de forma tão linda, que quando ficou pronto fiquei aturdida ao constatar que estava idêntico ao de um quadro que tivera em casa muitos anos atrás.

Aliás, de modo geral, eu andava estupefata com a habilidade manual que passara a demonstrar. Jamais fora manualmente habilidosa, mas ultimamente todos os meus sentidos pareciam estar aguçadíssimos, e dentro deste quadro encontrava grande facilidade para executar qualquer tarefa que exigisse um desempenho manual. Nunca, para mim, fora fácil arrumar flores de forma artística. Naquela ocasião, entretanto, esse trabalho tornava-se de grande simplicidade. Aliás, na ocasião tudo para mim era simples.

Prendas domésticas nunca foram o meu forte; na verdade, sempre evidenciaram um ponto meu bastante fraco. Não tinha prendas domésticas, não as desejava ter, e nelas encontrava excepcional dificuldade. As eventuais incursões de minhas filhas pela cozinha eram acompanhadas por mim como ajudante, nunca como instrutora. Subitamente, nesse tempo, passei a desempenhar tais tarefas com extrema facilidade. Não cozinhava porque tinha quem o fizesse, mas passei a enfeitar pratos, a descobrir técnicas culinárias como num passe de mágica.

Um dia Débora foi à cozinha fazer pé-de-moleque. Não sei como os entendidos no assunto fazem para esmagar o amendoim. Ela ia começar a bater com o martelo da cozinha sobre a tábua de carne, mas achei que isso ia fazer uma tremenda barulheira. Falei-lhe como se fosse uma grande entendida no assunto: “Pegue um guardanapo de tramas apertadas, coloque os amendoins dentro, amarre as pontas e então bata com o martelo.” Ela achou a idéia esplêndida, dizendo ao terminar que a pasta ficara como sempre quisera.

Disse-lhe não saber de onde tais idéias agora me surgiam e ouvi sua resposta: “Provavelmente agora o mundo é simples para você e portanto as soluções também são simples.”

Todavia, o surgimento daquela potencialidade assustava-me por achar incrível uma pessoa mudar tanto de uma hora para outra. Em ocasiões como aquela meu ouvido começava a zumbir, tal o meu aturdimento.

Tudo era realmente tão inexplicável!

Comecei a ter um ouvido musical espantoso. No aparelho de som distinguia a separação de sons agudos e graves com incrível nitidez. Comecei a cantar com voz agradável e afinada, eu que não cantava nada há muitos anos. Passei a desenhar e voltei a dedilhar o violão, sendo tudo para mim tão fácil, tão simples.

Vivia sempre alegre, descontraída.

A par disso, minhas faculdades intelectuais pareciam estar ainda mais vitalizadas.

Débora precisava prestar um segundo teste oral de inglês, já que no primeiro fora reprovada, para sua viagem de intercâmbio aos Estados Unidos.

Em poucos dias de treino de conversação eu a preparei e ela obteve resultados surpreendentes. O diretor da agência admitiu não ter esperado tanto progresso em tão curto espaço de tempo.

Comecei a acreditar realmente ser uma pessoa especial, pois parecia ter talentos para tudo que desejasse. Por outro lado, não queria continuar a ter tantos talentos. De uma certa forma, percebia ser irreal o mundo como agora o visualizava e da mesma forma desejava ser eu, com alguns talentos e nulidade noutros.

Não queria ser perfeita.

Lembrava-me muito de um diálogo que certo dia tivera com o Rogério. Não soubera responder a uma pergunta sua, referente a Física, e lhe dissera: “A mamãe não sabe. Esta resposta quem sabe dar é o papai. A mamãe não é perfeita, não sabe tudo. Algumas coisas ela sabe mais que o papai e outras ele sabe mais que a mamãe.”

Ele respondeu imediatamente:

“Acho muito bom a senhora não ser perfeita, pois senão ia querer que eu também fosse e tem muita coisa que não gosto de fazer.”

Tal diálogo ocorreu bem antes de eu começar a ficar doente, mas não sei por que sempre vinha à minha memória.

Continuava indo às sessões de psicoterapia e um dia, já em desespero, li o pedido de socorro que havia escrito e que se intitulava “grito de socorro”.

Nele falava especialmente que não desejava mais ver as coisas tão infinitamente belas, mas simplesmente belas. Não queria mais ouvir sons musicais dissociando-se em graves e agudos, mas tão somente ouvir música; não queria mais ver cores vibrantes quando sabia serem elas apenas cores. Não queria mais fazer somatizações horríveis que me produziam atrozes dores de cabeça e perda de visão. Escrevi sobre o lindo e enorme *iceberg* que visualizara quando meditava sobre minhas transformações. Do lindo sol que incidia sobre ele e o derreteria. De como eu me transformara, depois do *iceberg* derretido, em uma pequena estaca de madeira, sem lascas, desbotada pelas chuvas e que permanecia em pé, num oceano imenso. Manifestei o medo que sentira, pois a estaca estava na água sem que eu pudesse ver onde se prendia.

Li o meu apelo sem ler seu título. Meu “grito de socorro” tinha como finalidade pedir uma desesperada ajuda para sair do mundo irreal que sabia estar vivendo e sentindo.

Abrindo um parêntese, só tenho a lamentar – por mim e por outras pessoas que sofrem do mesmo mal – o despreparo de médicos para fazer o diagnóstico, e especificamente do psiquiatra com quem fazia a terapia. Como o profissional não viu que eu precisava de medicação e com urgência? Fazia terapia comportamental como se aquela doença pudesse ser tratada como comportamento a ser alterado, como se eu tivesse apenas um problema psíquico.

Não fiz essas considerações no meu primeiro esboço. Creio que o faço agora porque relendo tudo o que se passou comigo tive uma visão maior de quanto sofri.

Depois deste desabafo volto ao relato do período, objeto destas memórias.

A leitura do meu “grito de socorro” pareceu me libertar do pesadelo em que vinha vivendo. O que estou narrando já se passou há certo tempo e por isto não consigo lembrar-me de minúcias com muita exatidão. Parece-me que não fiz mais somatizações e alguns fatos tomaram suas dimensões exatas. No entanto, as habilidades manuais persistiam, bem como alguns sentidos altamente aguçados, mas a falta de concentração e o cansaço aumentavam dia a dia.

Ainda havia a euforia que me cercava, o relaxamento, o aparente estado de tranqüilidade absoluta.

A vida me parecia continuamente bela. Nada acontecia que pudesse me perturbar. Sentia-me como se estivesse pairando acima de irritações, tão comuns no cotidiano.

O que também me surpreendia naquela época era o fato de subitamente ter me transformado em uma motorista tão tranqüila, em tão boa manobrista. Tais qualidades nunca tivera, inclusive detestava e ainda detesto dirigir. Manobras sempre foram o meu ponto nevrálgico, a ponto de às vezes ficar parada na rua vendo alguém fazer uma manobra, olhando com admiração como se o motorista fosse um gênio.

De repente comecei a manobrar com toda a tranqüilidade, a tirar e colocar meu carro em vagas apertadas e difíceis. Dizia a mim mesma que por ter sido sempre tão tensa e ter voltado da sonoterapia bastante tranqüila, tinha agora tanta habilidade nas minhas atuações como manobrista.

É verdade que não mais dirigia tensa, que manobrava bem o carro, mas, ao mesmo tempo, não sei como naquela ocasião não causei e não fui vítima de nenhum acidente. Por vezes dirigia o carro completamente alheada de tudo, e à noite a luz de um farol em meu espelho causava-me uma dor lancinante nos olhos. Um dia, à custa de tanto buzinares, pois dirigia como se a rua fosse só para mim, pensei:

“Estranho, acho que drogado se comporta assim.”

A despeito dessas coisas sentia-me tão feliz, tão sem problemas que me dei alta na psicoterapia. Saí do consultório radiante, fui até a escola de meu filho, conversei, ri muito, tão feliz me sentia.

No dia seguinte, a despeito de estar em péssimo estado físico, levei minha filha à sua aula de balé. Como o meu mal-estar físico aumentasse, com náuseas e dor de cabeça, pedi que ela fosse dispensada da aula e fomos direto ao consultório do Dr. Sérgio.

Fui atendida na hora e lhe falei de minhas náuseas, da dor de cabeça que àquela altura já estava terrível, e não pude dizer mais nada. Apenas segurava a cabeça, tamanha era a dor.

Dr. Sérgio imediatamente chamou uma enfermeira e fui conduzida ao pronto socorro do hospital.

Tomei uma injeção e permaneci deitada tapando os olhos, pois a luz os fazia doer muito, parecendo aumentar a dor de cabeça.

Quando esta começou a passar, retirei as mãos que estavam sobre meus olhos e vi o médico. Era meu conhecido da sonoterapia, integrante da equipe do Dr. Sérgio. Conversamos um pouco, contei-lhe da minha “alta” da psicoterapia e de quanto agora era feliz, e sobretudo como vivia cansada ultimamente.

O médico fez qualquer sugestão no sentido de que ficasse internada para observação, mas logo respondi não haver necessidade, porque estava ótima.

Saí do hospital sentindo-me um pouco zonza, tomei um táxi e voltei para casa.

Poucas horas depois a dor de cabeça recomeçou, extremamente forte.

Apenas aguardei meu marido jantar para voltarmos ao pronto socorro, de onde saíra tão feliz naquele mesmo dia.

Mais um médico, mais uma injeção, e eu sempre cerrando os olhos, pois a luz aumentava terrivelmente a dor. Esta, cessando a luz, não mais me incomodava.

Não conhecia aquele médico, e dessa vez ouvi uma pergunta diferente: “A senhora já teve alguma perturbação de visão?”

Na mesma hora lembrei-me de já tê-la perdido e os motivos terem sido psíquicos.

Indignada com a pergunta, talvez porque no fundo a dúvida me remoesse, falei áspera:

“Não vou permitir que ninguém ponha em dúvida a minha sanidade mental.”

Apaziguadoramente ele disse:

“A senhora, como advogada, sabe que preciso fazer certas perguntas.”

Não pude fugir à resposta e envergonhada da revelação a fazer respondi: “Fiz uma somatização e fiquei sem enxergar.”

Não me recordo de outras perguntas ou respostas, apenas de sua delicada pergunta se não gostaria de um comprimido para dormir e da minha negativa. Ele bateu-me às costas, disse que era uma pessoa muito corajosa, e com modos paternos colocou as mãos em meus ombros e conduziu-me fora do consultório, onde estava meu marido.

A propósito, na ocasião as pessoas me tratavam muito paternalmente, com extrema simpatia. Dizia meu marido que naquela data eu tinha um ar tão desamparado, que levava as pessoas a quererem me proteger, como se eu fosse algo muito frágil, muito vulnerável.

AGUARDANDO A MORTE

Foi naquela noite, quando aliás iniciei minha narrativa, que enquanto aguardava na sala de espera do pronto socorro para ser atendida, pela primeira vez pensei que ia morrer. Foi o começo do terrível pesadelo.

No dia seguinte, novamente à noite, a dor de cabeça voltou. Desta vez tinha certeza que iria morrer. Voltei de novo ao pronto socorro, mas desta vez queria ser internada. Queria ficar no hospital para morrer lá e assim poupar meu marido e filhos de uma dor maior.

Naquela noite fui atendida por outro médico plantonista, também conhecido meu da sonoterapia. Era o mesmo que ficou me ouvindo monologar quando permaneci num estado quase cataléptico por ter saído do quarto.

Lá fui eu de volta para o primeiro andar do hospital, tomando soro e um tranqüilizante bem forte.

Nunca antes tomara soro e aquele aparelho em meu braço lembrava-me meu pai no hospital onde morrera. Via a cena repetir-se.

Passei a noite inteira acordada, e em dado momento tentei arrancar a corrente que tinha ao pescoço, com os bonequinhos e os nomes dos meus filhos gravados neles. Queria morrer segurando-os. A corrente não arrebentou.

Toquei a campainha chamando a enfermeira, pois achei que ia morrer naquele instante e logo ela descobriria que eu estava morta. A enfermeira veio e eu disse que tinha tocado por engano.

No meio da noite a dor de cabeça voltou e aplicaram-me nova injeção.

Comecei a bater os dentes incontrolavelmente.

Pedi à médica de plantão que chamasse o médico que me atendera. Ouvi sua voz ao telefone dizendo: “Dona Odette está muito agitada e quer falar com você.” Ele chegou e comecei a falar-lhe pedindo que transmitisse um recado meu. Quando acabei de falar pedi-lhe que repetisse o que eu dissera para verificar se havia entendido corretamente. A única coisa que ele disse foi: “Dona Odette, a senhora não me deu recado algum.”

Naquele instante percebi que estava agindo como insana, enchi-me de profunda vergonha e disse a ele que se retirasse do meu quarto.

O dia amanheceu, fiquei tomada de profunda agitação, e queria que tirassem meu soro a todo custo. Pus-me a andar pelo corredor com uma enfermeira a meu lado, alegando estar sentindo falta de ar, precisando respirar.

Consegui acalmar-me e fui para a cama onde comecei a escrever instruções domésticas a serem seguidas após minha morte. Pretendia entregá-las ao Dr. Sérgio para que ele fizesse chegar às mãos do meu marido. Felizmente esse médico não veio, e como passei o resto do dia bem, acabei jogando o papel fora.

Naquele dia já não estava tão certa de que iria morrer.

Permaneci no hospital por mais dois dias com as dores de cabeça bem menos intensas, surgindo à noite. Acabado o feriado de 15 de novembro voltei para casa. Retornando, disse a meu marido que queria ir para um hotel ou casa de repouso, pois não me sentia em condições de fazer coisa alguma, tamanha era a exaustão que sentia.

Lembro-me que tivemos um princípio de discussão, mas afinal ele me convenceu a ir para a cama, onde ficaria descansando sem ter qualquer atividade doméstica a fazer. Apenas descansaria e até mesmo as refeições me seriam levadas ao quarto. Achei tal medida ótima. Acreditava que se pudesse ficar apenas descansando, em breve tempo me restabeleceria. Ainda acreditava que todos os meus problemas eram oriundos de um grande *stress*.

Voltei do hospital num sábado, e na segunda-feira pela manhã o Dr. Sérgio me telefonou dizendo que conseguira hora para mim com outro médico. Mandou-me que anotasse e depois telefonasse confirmando ou não.

Durante muito tempo guardei a caderneta onde anotara: 20 de novembro – Dr. Gustavo, 17:30, confirmar ou não.

Consultei meu marido e perguntei que médico era esse. Ele respondeu evasivamente – era um médico que iria me receitar uns remédios mais fortes e que o Dr. Sérgio não poderia fazê-lo pois estava fora de sua especialidade.

Perguntei-lhe se eram remédios que me induziriam à dependência. Meu marido respondeu que havia esta possibilidade.

“Quer dizer que depois vou ter de me esforçar para perder a dependência?”, foi minha pergunta. Ele confirmou a possibilidade de isso ocorrer.

Não fiquei com vontade nenhuma de ir ao tal médico. De julho a novembro já passara pelo médico do pronto socorro cardiológico, pelo meu clínico geral e seus quatro assistentes, por um oftalmologista, por um psicoterapeuta, por três plantonistas do pronto socorro, que perfaziam um total de onze médicos em quatro meses, sem que eu visse nenhum resultado. Sentia já um total descrédito com relação a médicos. Mesmo assim, por consideração ao Dr. Sérgio, meu médico há vários anos e a quem estimava, telefonei confirmando o horário.

Ao telefonar disse desejar confirmar meu horário com Dr. Gustavo às 17:30. A secretária respondeu-me que ele preferia que eu chegasse às 15:15. A alteração de dezessete horas para quinze passou-me despercebida, tanto que apenas risquei o 30 e escrevi o 15.

Assim, às 17:15 cheguei para a consulta.

Meu marido e eu fomos informados de que minha hora fora às 15:15. De qualquer modo, subimos para o andar.

Conversando com uma das recepcionistas, depois de ter pedido uma linda rosa que estava num vaso, ela contou-me que o Dr. Gustavo havia alterado os horários de algumas consultas para me atender.

Aguardamos um pouco na sala de espera e quando saiu o paciente que estava sendo atendido, o médico mandou-nos chamar. Ao me dirigir ao consultório, perguntei à recepcionista qual era a especialidade do médico. Ela disse: “Ele faz psicoterapia.” Apenas falei: “Outro?”

Dirigi-me ao consultório e vi à porta um médico alto, com um largo sorriso e pensei: “Ele está todo sorridente, mas por dentro deve estar uma fera. Atrapalhei todo o seu horário e nem ao menos apareci.”

Quis desculpar-me, mas não apenas em palavras. Perguntei-lhe: “O senhor é casado?” Respondeu-me que sim. Estendi então a rosa que segurava e disse: “Tome, leve para sua esposa.”

Daí passei a apresentar minhas desculpas, dizendo crer que a confusão de horários deveria ter sido uma peça que meu subconsciente pregara. Confessei-lhe não ter desejado ir ao seu consultório, só o tendo feito em atenção ao Dr. Sérgio.

Nos despedimos, a despeito de ele nos informar que eu poderia ser atendida às 20 horas.

Contudo, sentia-me cansada e com muito frio. Disse a meu marido que não podia esperar.

O frio que sentia era mais um episódio estranho. Estávamos em fins de novembro, fazia bastante calor e eu me agasalhara com um casaco apropriado para um inverno europeu.

Sabia disso, mas o que fazer se sentia frio?

Na despedida meu marido ainda conversou um pouco com o médico, mas eu já havia me distanciado e por isso não sei o teor da conversa.

Não posso agora continuar este relato sem antes dizer das muitas lágrimas doídas que verti e causei. Elas não teriam existido se o passado voltasse e naquele dia tivesse começado meu tratamento psiquiátrico. Jamais desejei que meu passado tivesse tido uma vírgula alterada. Entretanto quis, pela primeira vez, com desespero, que o passado se apagasse, que eu voltasse ao consultório e naquele dia começasse a ser tratada. Passei dias e dias de horror, agindo como verdadeira insana. Mergulhei num abismo profundo da mais negra escuridão que me aterrorizava. Quantas vezes mais tarde vim a dizer:

“Oh Deus! Por que minha vida não pôde ser alterada, começar tudo de novo, comigo adentrando aquele consultório e no dia 20 de novembro de 1979 tivesse começado a ser assistida por um médico psiquiatra?”

Isso, entretanto, não aconteceu, e assim começaram os meus dias de horror.

Voltando do hospital fui direto para a cama. Meu marido já esquematizara a rotina doméstica e assim a empregada, antiga, exerceria algumas de minhas funções. Débora faria o supermercado e meu marido se

encarregaria do transporte das crianças e estudaria com elas, pois iam entrar em exames.

A rotina engrenou-se e eu ficava na cama esperando que meu *stress* tivesse um fim. Acreditava piamente que um período de repouso me colocaria em forma. As coisas, porém, não ocorreram como eu queria. Na primeira semana passada na cama pensava continuamente que iria morrer a qualquer instante, mas eu não sabia quando. Apenas achava que iria acontecer em breve.

Comecei até a planejar uma viagem à Europa.

Cheguei a descer para uma das refeições a fim de falar dos meus planos. Não mais me sentava à mesa durante as refeições, pois as conversas me fatigavam e sentia que ninguém estava interessado em qualquer assunto sobre o qual desejava conversar.

O dia em que descí e comecei a falar sobre os países que iria visitar, a romanticamente devanear sobre a Áustria, notei que ninguém me escutava. Saí da mesa e decidi voltar a tomar as refeições apenas em meu quarto. Paralelamente meu cansaço piorara e aos poucos fui tendo dificuldade até para falar. Às vezes minha mãe entrava em meu quarto para conversar, mas eu logo lhe pedia que se retirasse. Pouco e mal podia falar. Certo dia ela se pôs a chorar. Falei-lhe que não o fizesse, pois embora eu estivesse com um *stress* “tamanho família”, sentia-me bastante feliz.

Realmente eu me sentia muito feliz. Parecia-me ter alcançado uma paz jamais experimentada antes. Meu espírito religioso exacerbava-se. Passara a sentir-me muito próxima de Deus, apenas esperando o Seu chamado. Até mesmo solicitei a meu marido que fosse buscar um padre, amigo nosso, para que eu comungasse. Quando o padre chegou em meu quarto, disse-lhe querer confessar e comungar pois ia morrer. Ele, obviamente, não me levou a sério, achando que eu dizia grande bobagem.

Não compreendia por que não acreditavam em mim, visto que estava tão certa da minha morte. Cheguei a pedir que me desse a unção dos enfermos, mas ele me falou qualquer coisa como:

“Ora, que bobagem!”

Disse-o de forma afetuosa, carinhosa.

Devo confessar que até hoje sinto vergonha quando encontro esse padre.

Depois de ter comungado desci com ele e até conversamos sobre a próxima viagem de Débora aos Estados Unidos. Em sua saída ainda lhe falei, em inglês, sobre minhas disposições a respeito de minha missa de sétimo dia.

Lembro-me que também estava em casa, na ocasião, um casal amigo meu e de meu marido. Servi um cafezinho e chorei queixando-me da inutilidade em que me encontrava. Falei sobre o longo tempo em que vinha dando trabalho à minha família e de quão dispensável me tornara. À custa de tanto ficar doente a família aprendera a mover-se e a engrenar-se muito bem sem mim.

Tudo parecia encaixar-se na minha obsessão. Podia morrer, pois já não fazia mais nenhuma falta.

Creio que consegui conversar com o casal e até mesmo com o padre, em inglês, em virtude do ansiolítico que tomava. Na ocasião vinha tomando por conta própria 6 mg diários. Talvez o remédio amainasse um pouco a ansiedade horrível em que vivia, esperando a morte a todo instante. No aguardo da morte cuidava muito de minha aparência pessoal, e quando menos indisposta, levantava-me e procurava deixar a casa impecável. A cada almofada que ajeitava dizia: “Vou morrer, preciso deixar tudo arrumado.” Cheguei a escolher a roupa com que seria enterrada, e até mesmo as pessoas que desejava fossem avisadas do meu enterro.

Continuava a tomar 6 mg do ansiolítico diariamente. Esta era a dose máxima a ser ingerida, segundo a bula do remédio. Só tinha mais uma receita de comprimidos de 1 mg. Um dia, fiquei sem nenhum. Quando precisei assinar um cheque para minha filha fazer o supermercado, não pude fazê-lo. Minhas mãos tremiam terrivelmente. Felizmente meu marido comprou o medicamento e mandou entregar a abençoada caixinha, e pouco depois de ter tomado consegui assinar o cheque.

Creio que o ansiolítico pelo menos diminuía um pouco o pavoroso estado de ansiedade que me dominava, aguardando a morte a cada momento.

Procurava ficar deitada o menos possível e pensava: “A morte não vai me pegar na cama pois estou lutando contra ela.”

Ninguém jamais soube de tanto desespero meu. Débora disse-me depois de tudo passado que às vezes até achava ser possível que eu morresse, tão mal parecia estar.

Afastei minha mãe de casa porque sabia que ela estava sofrendo muito.

Era época de exames e meu marido estudava com as meninas, em especial com Vivian, que só não pegara exame de Religião.

Lembro-me de ela ter pedido que eu lhe tomasse Português, e de eu ter respondido:

“Filhota, a mamãe não pode, está muito cansada.”

Até aquela data meu marido e eu dividíamos a tarefa de ajudar as meninas na escola. Ele se encarregava das matérias pertinentes à área de ciências exatas e eu da área de humanas.

Aquele ano ele se encarregou sozinho, aliás pela última vez. Acho que o cansaço foi tamanho que dali em diante deixamos as crianças estudarem sozinhas, sem nossa colaboração.

Rogério, felizmente, passou sem exames e minha mãe levou-o para a casa de meu irmão.

A obsessão de que iria morrer transformou-se em certeza. Eu me dava prazos fatais.

Havia fatos decisivos, como os exames das meninas. Eu então dizia: “Não vou morrer antes para não perturbá-las. Vou ficar lutando até essa data.”

Havia também o espetáculo de balé da Vivian, muito importante para ela. Também dizia a mim mesma que aguardaria o espetáculo passar. Na verdade, nas duas vezes em que ela se apresentou, nem seu pai nem sua mãe estavam presentes. Ela jamais se esqueceu disso. Eu, obviamente, estava impossibilitada de sair, e quando a empregada não estava, não permitia a meu marido que saísse. Tinha medo de morrer sem nenhum adulto por perto.

O difícil na ocasião era explicar a estranhos o que eu tinha. Para alguns era dito que estava com um problema de *stress*. Para outros, com um “problema de metabolismo”, e na família, como vim a saber, que eu estava louca.

Na ocasião, meus sogros e cunhado haviam se mudado para uma casa ao lado da nossa, e meu cunhado começou a nos ajudar, levando e trazendo as crianças da escola. Como me sentia profundamente grata, queria dar-lhe um presente.

Dada a impossibilidade de sair de casa, perguntei a meu marido se poderia dar ao meu cunhado uma fina camisa de linha, ainda guardada na caixa. A camisa nunca tinha sido usada por ser grande para meu marido. Como queria dar a impressão de algo recém-adquirido, com a ajuda de Vivian troquei a caixa e fiz um bonito embrulho para presente. Mais tarde este e outro presente que dera, ainda em outubro, vieram a me causar grande sofrimento.

Quanto à camisa para meu cunhado, o ato foi tipificado como se eu passasse a tirar coisas de casa para dar de presente, sem noção do que fazia.

Outro presente foi uma pastinha de couro com que presenteei Dr. Sérgio. Comprara-a quando ainda estava indo ao escritório de advocacia no centro da cidade, em uma casa de artigos de couro. A pequena pasta lembrava as que em nossa época eram usadas nos primeiros anos de escola. Lembro-me, inclusive, de ter perguntado ao vendedor se era adequada para presentear um médico. O vendedor asseverou-me que sim. Àquela época a moda era outra, como já fora a mochila nas costas, e agora as pequenas malas com rodinhas.

Sem que eu soubesse, o médico mencionou a meu marido o presente como exemplificativo do comportamento inadequado que eu andava tendo. Dr. Sérgio disse a meu marido que eu o presenteara com uma pastinha escolar adequada para crianças, e portanto, a tradução disso é que eu não tinha conhecimento real dos atos que praticava.

Meu marido transmitiu aquela opinião à minha mãe, à Débora e Vivian, e em casa recebi o carimbo de “louca”.

Débora passou a fazer supermercado sozinha. Também sozinha teve de procurar uma foniatra, exigência para que lhe fosse retirado o aparelho ortodôntico. Viu que lhe foram delegadas algumas funções especificamente minhas e revoltou-se.

Com o que ela entendera das explicações do pai, achou que – conforme suas próprias palavras – eu estava louca, irremediavelmente louca, e ela ficara com ódio de mim. O ódio era, segundo me disse muito tempo depois, porque como diziam que tínhamos muitas semelhanças, ela também um dia ficaria louca.

Eu não apresentava, entretanto, nenhum comportamento anti-social. Minha obsessão pela morte era produto de uma terrível depressão que me fazia desejar morrer. Mas ninguém sabia disto e muito menos eu. A despeito de ter passado por onze médicos, inclusive um psiquiatra, estava largada numa cama, sem medicação, repousando, tanto me queixava de cansaço.

Tenho agora que abrir um parêntese e dizer que finalmente foi o Dr. Sérgio quem entendeu o quadro e me marcou um horário com o psiquiatra que acabou me tratando. Mas até iniciar o tratamento não sabíamos também que toda a minha euforia, agitação, loquacidade, sensação de onipotência, falta de atenção e concentração eram provenientes de um quadro psiquiátrico. Desgraçadamente nada disso sabíamos, e quanto mais os dias se passavam mais obsessivos se tornavam os preparativos que fazia para a morte esperada.

Cuidava da ordem na casa o dia todo, pois precisava deixá-la impecável. Comecei a fazer a separação de alguns vestidos para serem dados a específicas instituições ou pessoas, transferindo-os para o *closet* de minha mãe, que mantinha fechado.

Guardei no escritório, por anos a fio, algumas provas do curso primário (hoje fundamental), além de cadernos de Filosofia, História e Grego, utilizados no curso colegial (hoje ensino médio). Guardava também alguns trabalhos feitos na faculdade e uma quantidade enorme de petições e recursos que fizera quando advogava. Joguei tudo no lixo, porquanto eram coisas estritamente pessoais que ninguém poderia aproveitar depois da minha morte.

Não confessava isto a ninguém. Dizia que como nunca tivera tempo de ficar em casa fazendo tais arranjos, fazia-os agora.

Para dizer a verdade, não prestavam muita atenção ao que eu fazia. Meu marido saía para trabalhar, as meninas passavam o dia todo estudando. Quando meu marido retornava, ficava estudando com elas, não restando tempo para que estivessem a par de minhas atividades.

Já avisara a todos que iria morrer e não fiquei mais falando no assunto. Apenas me queixava de sentir-me muito mal e estar lutando para viver.

Não sei por que, havia ocasiões em que minha temperatura caía a 35°C ou talvez até menos, e eu sentia meus músculos da face enrijecerem. Houve até uma noite em que meu marido entrou no quarto contando algo que deveria fazer-me sorrir. Tentei um sorriso mas meus músculos enrijecidos não obedeceram e meu esforço apenas produziu uma careta. Outras vezes não eram só os músculos da face que enrijeciam, sentia todo o meu corpo assim. Abria o chuveiro e tomava uma ducha fria, ou alternava água quente e fria. Em tais ocasiões pedia a meu marido que me levasse a um pronto socorro, mas pouco após dizia não ter nada. Cheguei a dizer-lhe para não se importar quando eu fizesse idêntico pedido, pois o que tinha passava logo.

Subitamente meus comprimidos de ansiolíticos acabaram.

Como visse quanto meu marido andava ocupado, não tive coragem de pedir-lhe que fosse ao médico solicitar nova receita.

Comecei então a piorar terrivelmente.

Principiei a achar que não apenas ia morrer, mas meu marido também. A aflição que isso me causou começou a gerar momentos tenebrosos. Preocupava-me dia e noite com o futuro de meus filhos. Inquietava-me em pensar quem iria ficar com as crianças após a nossa morte. Queria desesperadamente que ficassem com alguém que seguisse a nossa linha de educação. Queria que continuassem sendo educados com o respeito às suas liberdades de pensamento, de escolha, linha-mestra na educação dada por mim e meu marido. Queria que tivessem a oportunidade de descobrir o mundo livremente, sem imposições. Para tanto, considerei que um de meus irmãos e minha cunhada seriam os seus tutores ideais.

Coloquei minha vontade no papel e queria fazer com que minha cunhada ficasse com o registro de minhas disposições sem que meu marido soubesse.

Jamais tive coragem de dizer uma só palavra sobre tal assunto – apenas agora o faço.

Telefonei à Vera, minha cunhada, pedindo-lhe que viesse à noite e pegasse com minha empregada o que havia para ser-lhe dado.

Não sei se falei exatamente assim. Lembro-me de ter-lhe pedido para nada dizer à minha mãe, a fim de não assustá-la.

Bem, o resultado disso foi que, segundo ela, levou o maior susto de sua vida, achando que eu ia me suicidar. Telefonou a meu marido, pedindo-lhe que fosse imediatamente para casa a fim de evitar meu suicídio. Quando vi que armara tanta confusão tentei consertar, dizendo à minha cunhada que apenas pretendia dar-lhe um presente. Procurei algo entre minhas coisas e achei uma litogravura que estava guardada, pois não combinava com a decoração da minha casa. Como combinasse com o estilo da sua, disse ter pretendido apenas dar-lhe aquele presente, uma vez que desde a doença de meu pai ela estava me proporcionando grande ajuda e conforto.

Bem, à noite chegaram ela, meu irmão e minha mãe. Soube depois que esta, chorando, viera pegar um revólver, de sua propriedade, que guardava muito escondido – a ponto de eu nem saber da existência dessa arma –, temendo que eu me suicidasse.

Meu marido posteriormente veio a contar-me ter asseverado estarem absolutamente enganados, pois eu enfatizava muito que estava lutando para viver.

O fato é que naquela noite dei a tal litogravura, afirmando haver telefonado pois queria receber sua visita e dar-lhe o presente. Entreguei também os presentes de Natal que comprara quando ainda estava indo ao escritório em que trabalhava.

O que me causa mais vergonha, até hoje, são os telefonemas que dei a um colega, sempre dizendo que ia morrer e precisava entregar a um advogado

as minhas últimas disposições sobre a tutela dos meus filhos, com a minha morte e a de meu marido.

Quando me restabeleci dessa horrível doença fui ao seu escritório e expliquei-lhe o que tinha sucedido. Disse-me ele que ao receber meus telefonemas não tinha certeza de como agir, mas o fato é que nunca foi até minha casa. Fiquei sabendo, depois, de outros telefonemas que dei despedindo-me das pessoas, visto que ia morrer.

Quase trinta anos são passados da data dos acontecimentos, mas as lembranças ainda são dolorosas e a vergonha não se apaga.

INICIEI O TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

Com o fim dos comprimidos de ansiolítico passei a tomar um que não necessitava de receita médica e tínhamos em casa.

Tomava um comprimido a cada quatro horas.

Mesmo assim ficava acordada noite e dia. Passava as noites sorrateiramente andando pela casa, para não acordar ninguém.

Punha-me a arrumar detalhes da casa, a limpar manchinhas no carpete silenciosamente, e sobretudo a fazer embrulhos com presentes para aqueles que estimava.

Fazia lindos pacotes, cheios de dobras, com artísticos laços em que utilizava papel alumínio e colocava os nomes a quem os presentes se destinavam. A utilização do papel alumínio com tanta destreza é outro fato assombroso. Lembro-me que uma vez, por ocasião do aniversário de uma das crianças, as meninas, minha irmã e eu empacotávamos pedaços de bolo que eram colocados numa embalagem decorada, apropriada para uma festa infantil. Quando fazia os embrulhinhos em papel alumínio, eu os deixava tão amarrotados que as meninas riam e caçoavam bastante. Minha irmã chegou a ficar brava com elas, crendo que eu me ofendesse. Bem, assim era eu, desde pequena, nula em habilidades manuais. Agora, doente, fazia artísticos embrulhos.

Tudo era feito no mais absoluto silêncio.

Temia que meu marido acordasse e perguntasse o que estava fazendo. Na realidade, temia que ele perdesse a paciência, pois acabei percebendo que ninguém dava crédito aos meus avisos de que iria morrer. Numa daquelas noites acordei meu marido e pedi que me acompanhasse ao banheiro. Meu rosto se enrijeceu de tal maneira que senti necessidade de nele jogar água fria, mas não podia mover os braços para eu mesma jogar a água. Lembro-me de meu marido ter ficado bravo por tê-lo acordado, e de eu ter me justificado com qualquer alegação. Não tive coragem de confessar ter pensado que ia morrer naquele instante.

As noites que passei acordada constituem uma das minhas piores lembranças. Eu andando sorrateiramente pela casa, arrumando enfeites,

almofadas, flores, para desfazer tudo logo cedinho com medo que percebessem que não tinha dormido e estivera fazendo tais coisas.

Bem, chegou uma noite de sábado para domingo. Todos dormiam e eu perambulava pela casa. Resolvi fazer o café para o dia seguinte, às 2:30 da madrugada. Com frequência, dada a minha inabilidade na cozinha, me queimava ao utilizar o forno, ou em panelas, e até mesmo com o vapor d'água em uma chaleira. Era realmente um desastre total na cozinha antes de ficar doente.

Naquela noite em que passei acordada e fui fazer café, a tampa da chaleira escorregou e o vapor d'água queimou meu pulso. Aquele acontecimento teve para mim um significado muito importante. Queimar-me com vapor d'água significou naquele momento que eu voltara a ser inábil, e isto revestiu-se de significação: eu voltara a ser como sempre tinha sido e, portanto, estaria curada.

Enquanto fazia o café, Débora, tendo acordado com o barulho entrou na cozinha. Ao vê-la, disse imediatamente: "Sabe, estou curada." Achava ter vencido a morte. No entanto, senti que precisava de ajuda. Quando meu marido acordou pedi-lhe que telefonasse à minha cunhada, a fim de que ela conseguisse com seu pai, médico, uma receita do ansiolítico. Falei com ela ao telefone por alguns segundos, logo passando o aparelho, pois mal podia falar, ofegante como se tivesse corrido quilômetros.

Tomar o ansiolítico era o primeiro passo para conseguir dormir e emergir do terror que estava vivendo. Pedi também a meu marido que marcasse hora "naquele médico". Queria voltar ao médico que o Dr. Sérgio me recomendara e que afinal não consultara quinze dias antes. Não conhecia sua especialidade e nem sabia como poderia me ajudar. Apenas sabia que não tinha mais forças para agüentar sozinha aquele pesadelo.

Aguardei ansiosamente a chegada de minha cunhada. Ela se demorou um pouco, pois seu pai viajara e assim precisou procurar seu irmão, também médico, e conseguir a receita.

Eu tinha vestido um bonito conjunto de camisola e penhoar, maquilaram-me e até colocara jóias. Queria que todos vissem a minha ressurreição.

Ela chegou, já com o remédio, acompanhada de sua mãe. Tomei o remédio imediatamente. Quis conversar um pouco, mas fui tomada de tamanha exaustão que precisei pedir ajuda de meu marido para voltar ao quarto.

No dia seguinte fui ao médico.

Antes de entrar no consultório peguei outra rosa na recepção. Desta vez era uma rosa branca.

Quando entrei no consultório ele olhou a rosa e imediatamente eu disse: “Esta é minha, hoje não tenho do que me desculpar.” Pensei que ele tivesse entendido minha linguagem simbólica quando antes lhe entregara outra rosa, dizendo que desse à sua esposa.

Não me lembro sobre o que falamos, recordo-me apenas de uma pergunta: “Por que a senhora é tão triste?” Respondi-lhe: “Eu não sou triste, ao contrário, sou uma pessoa alegre.” À minha resposta retrucou: “Por que a senhora tem olhos tão tristes?” Comecei a chorar e falei: “É que vou morrer.” Mencionei em seguida achar que meus olhos estavam muito parecidos com os de uma moça que se despedia da vida, retratada por Monet. Falei em Boticelli e Renoir.

Disse que por vezes sentia-me tão mal, achando que estava para morrer, e do meu pedido a meu marido que não fizesse caso de minhas queixas e ignorasse meus pedidos para ser levada a um pronto socorro.

O médico, Dr. Gustavo, dirigiu-se a meu marido e disse: “O senhor vai assumir um compromisso comigo. Quando dona Odette disser que está se sentindo mal, o senhor a trará para o instituto imediatamente.” Nunca perguntei o porquê desta recomendação, bem como nunca perguntei qual era o diagnóstico de minha doença. Hoje lamento por isto, porque teria sido de utilidade na elaboração destas memórias, mas na ocasião bastava-me o que lia na bula dos remédios.

Quanto a essa primeira consulta, não me recordo o que mais se passou, apenas a entrega de um questionário a ser preenchido por meu marido e uma receita com recomendação para retornar dois dias depois.

Enquanto meu marido se dirigia à seção de marcação de consulta, coloquei a rosa que estava em meu poder em outro vaso, entre os muitos que lá havia.

Nos últimos quinze dias em que estivera obcecada com a idéia de que iria morrer, passava meu tempo a arranjar e enfeitar a casa. Como houvesse muitas rosas em meu quintal, todas elas brancas, continuamente as apanhava e fazia arranjos para decorar a sala. Olhando para a rosa que tinha comigo, achei que ela evocava tão horríveis tempos que não quis mais levá-la para casa. Aliás, posteriormente vim a desfazer-me de tudo que lembrasse os horrores por que passara. Joguei fora a gravura de Monet (da moça de olhos tristes que se despedia da vida), deixei guardado, longe de minhas vistas, um terço que segurava e rezava quando me sentia muito mal, e até quebrei propositalmente uma pequena garrafa térmica. Ela ficava em minha penteadeira numa bandeja com um açucareiro e uma xícara de café. A visão daquela garrafa lembrava os tempos em que estivera na cama, açoitada pelo terror. Desfiz-me dela para que não fosse uma permanente evocação.

Naquele dia, entretanto, apenas desfiz-me de uma rosa.

No caminho de volta para casa sugeri a meu marido a ida a uma determinada farmácia onde não íamos há muito tempo. Lembrei-lhe que lá havia estacionamento e ao lado uma confeitaria onde eu poderia comprar alguma coisa, pois, como sempre, tinha muita fome.

No dia seguinte vi meu marido preenchendo o questionário que lhe fora dado pelo Dr. Gustavo. Perguntei-lhe se não gostaria que eu o respondesse. Disse-me que por ser muito longo eu iria me cansar. Indaguei-lhe sobre as perguntas e ele mencionou algumas, inclusive uma relativa a esquecimento. Disse-me ter respondido que eu não só não me esquecia de nada, como ainda acrescentava detalhes. Referia-se especificamente à tal farmácia que eu lhe lembrara, tendo mencionado o estacionamento e a confeitaria.

Não tive maiores curiosidades e voltamos ao médico dois dias depois. Saí da consulta com uma imensa receita e até um esquema de horários, pois havia remédios a serem tomados em diferentes períodos do dia. Fiquei atônita com a quantidade de medicação e não entendia por quê. Havia remédio para

depressão, para ansiedade, para neurose de angústia, enfim, apenas remédios para distúrbios psíquicos. Deve ter sido então que atinei estar sendo tratada por um psiquiatra. Não gostei daquela realidade. Ainda estava enraizada de preconceitos cheios de ignorância que lastimavelmente perduram até hoje no imaginário popular. Por vezes era rude e reclamava por ter de tomar remédios. Geralmente saía das consultas deprimida, humilhada por precisar de um psiquiatra.

Lera uma vez no livro *Desiré*, de Annemarie Selinko, que Napoleão teria dito a seguinte frase: “A coroa real da França está caída na sarjeta. Bastará apenas alguém se abaixar e apanhá-la.” Uma das vezes em que voltava do médico para casa, disse a meu marido: “Eu me sinto como aquela história da coroa de Napoleão, com um médico após o outro entrando em minha vida e procurando me levantar.” Eu me achava uma coisa atirada à sarjeta por precisar de um psiquiatra. O preconceito contra a doença mental é generalizado e naquela ocasião eu não fugia à regra.

A doença de ordem física é vista de maneira bem diferente da psíquica: não há motivo algum para que o doente e seus parentes tenham vergonha dela. Com a doença psíquica o quadro é completamente diverso. É humilhante para o doente e vexativo para a família. Lembro-me do contentamento de meu marido quando o Dr. Gustavo explicou-lhe em termos leigos – como entendi – que o medicamento antidepressivo tinha também por função repor a substância química que meu organismo cessara de produzir. Meu marido, muito satisfeito, disse que agora tudo estava explicado, e até fez algum comentário sobre o fato de doenças psíquicas sempre parecerem um pouco de fingimento, ou algo que possa ser controlado por vontade própria.

Tempos depois vim a pensar como seria bom se conhecimentos da psiquiatria se tornassem difundidos. Assim o psiquiatra não seria visto como médico de “loucos” e o paciente seria um doente qualquer, medicado e curado como em qualquer especialidade.

A ironia dos fatos é que justamente eu levantava a bandeira do preconceito. De qualquer forma, tomava os remédios religiosamente.

Pouca coisa me vem à lembrança sobre as primeiras consultas. Apenas sei que ia ao médico duas vezes por semana, de vez em quando tinha uma troca de remédios, e aos poucos parei de pensar que ia morrer.

Insistia com o Dr. Gustavo que me deixasse fazer psicanálise, pois queria descobrir por que a morte de meu pai causara-me tudo aquilo. Tinha a sua promessa de que poderia fazê-la, mas ainda não estava em condições de iniciá-la.

Aos poucos fui ficando mais tempo fora do quarto. Passei a ir todas as manhãs ao solário para me bronzear. Comecei a adquirir uma aparência saudável e até mesmo a engordar. Um dos remédios provocava-me intenso cansaço, diferente do que sentia antes. Dormia à tarde e parei de arrumar a casa.

Comecei a cuidar de minhas roupas, a subir barras de saias e coisas semelhantes. Estava me preparando para quando voltasse a sair de casa, uma vez que não fizera novo guarda-roupa de verão.

Um domingo fomos almoçar fora. Era minha primeira saída depois de um longo período de quarto. Lembro-me de o médico ter perguntado como me sentira e de ter respondido: “Quando o carro já andara poucos metros pensei: estou dramaticamente apavorada.” Depois disso só me esforcei para não dormir, pois tinha muito sono. Em seguida abaixei a cabeça na mesa e falei: “Meu Deus, que esforço.”

Queixei-me de que não pudera ler o cardápio. Aliás, queixava-me freqüentemente de querer ler e não poder fazê-lo por causa dos remédios. Pedia ao médico se não podia parar a medicação e me dar um pouco de folga, pois tinha muita vontade de ler. Creio que não recebi resposta alguma, não me recordo.

Um dia contei, toda feliz, que fazia seis dias que me levantava, me vestia, e só voltava para a cama à noite. A “fase do quarto” tinha acabado, bem como as noites insones.

Contudo, não saía de casa para nada, a não ser para ir ao consultório. Nem mesmo ia ao cabeleireiro, que sempre fora obrigação semanal. Estive lá uma vez e todos perguntaram por que sumira. Respondi que estivera viajando,

o que era perfeitamente crível, pois estava toda bronzeada, com uma aparência descansada e saudável.

Com o tratamento e as idas ao Dr. Gustavo diminuídas para uma vez por semana, minha melhora acentuava-se dia a dia.

CAÍ, LEVANTEI-ME OUTRA VEZ

O dia de Natal chegou. Fomos à ceia em casa da irmã de meu marido. Antes de sair tive um atrito com minhas filhas. À medida que melhorava observei que elas me tratavam como se eu não soubesse direito o que fazia. Débora implicou-se com um pequeno broche de pérolas que eu prendera ao colar, também de pérolas.

Mais tarde ouvi as duas falando com o pai a respeito de um xale de seda que eu estava usando sobre o vestido. Fiquei furiosa pois sempre fora uma pessoa de bom gosto ao trajar-me e jamais faria uma combinação de acessórios que não fosse adequada.

Na ocasião as duas estavam se voltando contra mim, Débora em especial.

Segundo análise minha, subjetiva, Débora enfrentava a ansiedade proveniente de sua próxima viagem aos Estados Unidos, onde moraria por seis meses. Acrescentado a isto, revoltava-se por estar obrigada a se fazer de adulta e ter funções que competiriam a mim. Vivian, entrando na adolescência, insuflada pela irmã que lhe dizia estarem as duas agora carregadas de responsabilidades, começou a agredir-me também.

Achei que as duas passaram dos limites com a implicância sobre a minha roupa, e nessa ocasião comecei a lutar pelos meus direitos de ser amada e respeitada, independentemente de qualidades acessórias como mãe e esposa.

Não recebi naquele ano qualquer presente de Natal.

De acordo com minha análise subjetiva, agora que principiava a melhorar começavam a extravasar seus sentimentos por eu estar sendo um peso e um incômodo há meses. Os anos em que me anulava por opção própria davam então seus frutos. Dera a mim própria tal desconsideração como pessoa, só fazendo-os ver em mim a esposa e a mãe com funções direcionadas apenas para eles. Em conseqüência, quando deixei de exercer tais funções, somente poderia ter sido vista como o peso que me tornara.

Ao enfrentar Débora e Vivian dei meus primeiros brados de auto-estima. Estava nascendo uma nova Odette, desconhecida até por mim. Recordo-me

que nesse período meu marido disse ao Dr. Gustavo que eu estava ficando agressiva, e este respondera que era por causa dos remédios. Contestei a explicação e argumentei que o que parecia agressividade não era senão a luta que eu travava para obter as coisas que queria, sem a passividade toda que sempre norteara minha conduta.

Também em uma consulta com o Dr. Gustavo meu marido dissera, em tom de ironia, reconhecer em mim algumas atitudes idênticas às de meu pai. Asperamente disse não admitir tais comentários, pois eu não era uma simples ramificação de Sílvio e Maria Luíza (meus pais), e sim eu própria. Acrescentei que aceitava tais comentários quando era insegura e não tinha auto-estima, mas já não os aceitava mais.

Creio que só falei assim porque andava magoada.

Na realidade, não sei se o ressentimento que sentia não poderia ser visto sob outro ângulo. Talvez quando me sentisse magoada estivesse querendo autopunir-me por ter causado tanto trabalho, e ainda lançar minha responsabilidade sobre outros.

É provável que esteja sendo injusta ao pensar que fui menos amada e respeitada. O fato, entretanto, é que paulatinamente comecei a direcionar minha vida de outra forma. Foi um longo trabalho, mas faz parte dos tesouros que descobri por ter ficado doente.

Antes disso, porém, muito sofrimento causado pela minha doença ainda me aguardava.

No dia seguinte ao Natal estava pensando em um pequeno quadro, numa parede do consultório do Dr. Gustavo, onde eu muitas vezes detinha meu olhar. Pensei em fazer-lhe presente de outro quadro já que ele havia me resgatado do fundo de um poço sombrio e horrível. Procurei em casa uma gravura que se adequasse ao estilo do consultório, até achar uma linda natureza morta, datada de 1930 e assinada por Portinari.

Perguntei ao meu marido se poderia mandar emoldurá-la e dar de presente ao médico. Ele não se opôs e não sei como surgiu a conversa sobre presentes que eu tinha dado ultimamente.

Foi assim que fiquei sabendo que estivera, em casa, sendo tomada por louca.

A pastinha de couro que eu dera ao Dr. Sérgio fora tomada como “confusão mental”, como se em alguma época eu tivesse feito confusão sobre os reais usos de um objeto.

A camisa que dera ao meu cunhado fora alvo de perguntas a meu marido sobre se teria conhecimento, pois poderia estar sub-repticiamente me apoderando de coisas da casa e dando aos outros.

A rosa que oferecera ao Dr. Gustavo pareceu, nas palavras de meu marido, que o médico teria achado “estranho”.

A revelação de tais fatos causou-me um choque brutal. Quanto mais explicava a meu marido o raciocínio que me norteava na compra da pasta para o Dr. Sérgio, a ajuda da Vivian na feitura do embrulho da camisa, a rosa que simbolizava meu pedido de desculpa, mais meu marido embaralhava satisfações. Dizia:

- Isto não tem importância.
- Agora todo mundo já sabe que você não tem nada.
- Naquela época ninguém sabia o que você tinha... e coisas similares, e mais revoltada eu ficava.

Foi quando soube que minha mãe tinha ido pegar o revólver com receio de que me suicidasse, e chorava muito. Também soube que Débora passara a me agredir, pois pensava que estivesse louca, irremediavelmente louca, segundo suas próprias palavras.

O que me contavam parecia inacreditável, meu abalo era enorme.

Sabia que meu comportamento, quando julgava que ia morrer, era realmente de uma pessoa mentalmente perturbada. Entretanto, afora aquilo, nunca tivera qualquer confusão mental, e portanto a pecha que me fora imputada era leviana e cruel.

Mergulhei numa profunda depressão e numa agitação intensa.

Quando acordei no dia seguinte, sendo que agora me levantava sempre tão bem disposta, disse:

“Meu Deus, mais um dia a ser suportado.”

Eu que nunca mais saía de casa, passei a não querer mais ficar nela. Cheguei a acompanhar minha irmã ao pediatra de meu sobrinho, só falando na revolta por tamanha leviandade. Aliás, tempos depois ela disse que eu estava de tal forma agitada que nem sabia o que fazer comigo.

Além disto, não parava de pensar que aquelas informações pudessem ter sido transmitidas ao Dr. Gustavo e que ele estivesse conduzindo meu tratamento de forma errada. Não pude agüentar minha ansiedade e telefonei-lhe. Falava ofegante, fui grosseira e acabei por me desculpar dizendo ser muito difícil suportar tudo aquilo.

Dois dias mais tarde outra vez voltei ao pronto socorro, acometida de fortíssimas dores em uma hérnia no estômago, adquirida durante a gravidez de Rogério, que já tinha há nove anos e nunca me incomodara seriamente.

Antes de ir ao pronto socorro agüentei a dor o mais possível. Não queria outra vez ouvir o rótulo: dor psíquica. Pedi à Débora que me levasse a outro hospital. Queria ir onde ninguém me conhecesse.

Entretanto, quando estávamos de saída meu marido chegou e insistiu para que fôssemos ao mesmo pronto socorro. Deram-me uma injeção com um analgésico, mas como as dores não passavam, o médico enfaixou-me o estômago e tomei outra injeção.

O médico era, mais uma vez, meu velho conhecido da sonoterapia e quem me atendera da primeira vez em que tive fortíssima dor de cabeça.

Depois que tomei a segunda injeção, talvez enquanto esperasse seu efeito, ficamos conversando, ou melhor, mais uma vez fiquei monologando naquele hospital. Conte-ihe como minhas dores de cabeça atrozes lançaram em mim a idéia de que ia morrer, como tal idéia tinha se transformado em obsessão, como começara o tratamento psiquiátrico e estava melhorando, até a brutal revelação de que suspeitaram que tivesse enlouquecido e, por fim, aquelas dores cruciantes.

Falei-lhe da minha fé em Deus, mas acrescentando, num linguajar que não usava:

“Mas, porra, desta vez eu não entendo o que Ele quer de mim.”

Estava cansada de tantas dores morais e físicas. Aquela dor na hérnia, que de tão forte me fazia puxar mechas de cabelo até quase arrancá-las para não gemer, não falar, parecia ter liquidado minhas últimas reservas de esperança.

Os longos meses de sofrimento, os períodos tenebrosos, alguns dias de paz seguidos da revelação que me parecera atroz, e agora aquelas dores que me trucidavam pareciam ter esgotado a última gota do meu cálice.

Uma vez mais fui para o primeiro andar do hospital.

À custa de tanta prática de idas e vindas, colocara em minha bolsa uma camisola, uma escova de dentes, uma de cabelo, coisas que estavam à mão, visto que não podia abaixar para pegar coisa alguma.

O médico queria me dar soro mas pedi que não o fizesse pois da última vez que o tomei no hospital fiquei altamente impressionada. Pedi, entretanto, que colocasse no receituário o antidepressivo que tomava a cada oito horas.

Fui familiarmente saudada pelas enfermeiras do andar e me lembro da discreta pergunta de uma delas: “E do resto, dona Odette, a senhora já melhorou?” Respondi: “Ainda não, estou fazendo tratamento psiquiátrico e no momento tomo antidepressivo a cada oito horas.”

No quarto consegui dormir um pouco, mas às quatro horas da madrugada acordei com forte enjôo. Toquei a campainha chamando a enfermeira, pois sempre ficava sozinha no hospital, e disse querer vomitar. Ela apenas disse: “Então vomite.” Fui ao banheiro, vomitei, e aí notei que não trouxera sabonete. Dali para a frente não dormi mais e creio ter andado quilômetros dentro daquele quarto, pois permanecer deitada ou parada aumentava minha dor. Chegou um enfermeiro, muito risonho, que falou: “Disseram que a senhora vomitou”, e em seguida aplicou-me nova injeção.

As dores não cessavam. Cedo, comecei a pedir um médico. As horas se passaram e nenhum médico apareceu.

Dessa vez tinha ficado num quarto sem telefone, pelo fato de não haver outro apartamento vago. Queria avisar em casa que estava péssima e completamente abandonada. Mais uma vez solicitei a presença de um médico, além de pedir um sabonete. Naquele tempo não era como hoje, em que se recebe, ou já está no quarto uma *nécessaire* com produtos de higiene pessoal.

Tanto o pedido do médico como o do sabonete não foram atendidos.

Fiquei cheia de ódio, frustração e revolta com tudo aquilo.

Só então notei que não havia entre os pacientes ninguém da minha idade. Apenas pessoas mais velhas. Observei que pessoas da minha idade não eram freqüentadoras de hospitais e lá estava eu, pela terceira vez em apenas quatro meses. Revoltei-me com minha liberdade cerceada, pois me seria tão fácil descer ao pronto socorro e lá falar com o médico que me atendera. Pus-me a chorar na recepção.

Voltei ao meu quarto quando me chamaram dizendo estar meu marido ao telefone. Expliquei-lhe que estava com muitas dores e completamente abandonada, e que a despeito da promessa pessoal de um médico, nenhum fora me ver. Meu marido prometeu-me ir imediatamente ao hospital, e quando chegou foi buscar o médico que me atendera na noite anterior. Este perguntou-me se desejava sair ou ficar. Respondi-lhe que não sabia; há tanto tempo vinha andando numa corda bamba que já nem sabia o que era melhor ou pior para mim. Disse-lhe que afinal, em quatro meses, era a terceira vez que saía daquele hospital sem estar curada. Ante suas ponderações decidi que o melhor seria voltar para casa, já que nada havia a fazer senão tomar analgésicos.

Passei a noite de dia 31 de dezembro na cama, com fortes dores, apavorada com a idéia de fazer qualquer esforço e as dores se tornarem ainda maiores.

Estava revoltada, possuída de muito ódio por tanta dor, tanto sofrimento que há muito vinha sendo desabado sobre mim.

A 2 de janeiro tinha sessão de psicanálise que o Dr. Gustavo me autorizara iniciar.

Entrei na sala, disse que naquele dia não iria para o divã e comecei a falar sem parar, andando pela sala. Falei durante cinqüenta minutos, apenas interrompida por uma ou outra pergunta, com o médico tomando notas rapidamente.

Na saída ele me disse: “Se a senhora continuar tão agitada, ‘nós’ vamos ter que lhe aumentar a medicação.” Não entendi o porquê do “nós”, uma vez que ele não me medicava. Despedi-me e não pensei mais no assunto.

Cheguei em casa e recomecei a andar, pensando sem parar, numa enorme revolta com tudo que estava me acontecendo. A dor na hérnia parecia ter esgotado minha fibra.

Comecei a sentir-me mal.

Tentei ligar para o Dr. Gustavo, mas mal enxergava os números no aparelho. Desisti. Queria chamar uma ambulância para transportar-me sozinha ao instituto. Não suportava ter de uma vez mais pedir ajuda à minha família. Logo vi que não conseguiria telefonar ou preencher qualquer cheque.

Meu marido chegou. Implorei-lhe que ligasse imediatamente ao médico ou me levasse para o instituto, conforme o próprio Dr. Gustavo lhe recomendara. Ele telefonou, mas foi informado que o Dr. Gustavo viajara. Aliás, da última vez que lá estivemos, ele marcou nova consulta para vinte dias depois. Lembrei-me do médico psicanalista dizendo: “Nós teremos que lhe aumentar a medicação.” Mandei que ele ligasse ao analista, falando que era urgente. A telefonista conseguiu localizá-lo em casa de seu pai e ouvi meu marido explicando: “Depois que ela saiu do seu consultório, sentiu-se muito mal e encontrei-a muito agitada, em estado quase cataléptico. Ela está em pé ao meu lado e parece até ter encolhido.”

Não me recordo mais do que falaram, apenas de meu marido dizendo não achar aconselhável uma internação pois sentia que eu piorava cada vez que era hospitalizada. Lembro-me dele dizendo que eu parecia estar relaxando e que deveria passar a tomar o antidepressivo a cada seis horas.

Comecei a andar no corredor tentando rezar o Pai Nosso, mas não conseguia me lembrar da oração.

Senti os músculos de minha face começarem a se enrijecer. Pedi a meu marido que jogasse água fria em meu rosto pois eu não conseguia fazê-lo.

Apoiei-me no lavatório mas não podia mais me mexer; a água também escorria pela minha roupa, e por vezes fazia sinal pedindo que parasse para eu poder respirar.

Finalmente devo ter-me acalmado, pois não tenho outras lembranças.

Na noite seguinte passei mal pela última vez.

Durante o jantar, Rogério me perguntou se eu gostava de determinada música. Respondi-lhe que a achava muito bonita, embora muito triste.

Mais tarde, após o jantar, enquanto escovava os dentes, pensei em como seria possível uma coisa ser bonita e triste ao mesmo tempo. Quase que instantaneamente, vendo tudo em cores, surgiu-me a lembrança da ópera Mme. Butterfly, tão linda e tão triste, em toda a beleza que emanou do seu canto de dor tão pungente ao despedir-se do amado. Naquela hora lembrei-me de meu pai, morto em seu caixão forrado de botões de rosa vermelhos e pensei: “Aquilo foi triste mas não foi bonito.” Senti então que devassara o mistério que tanto buscava descobrir, o que significara meu pai em minha vida, que tanto me fizera sentir sua perda. Compreendi que meu pai significara em minha vida o amor pelas coisas belas da música, da dança, dos quadros. O amor pelos livros e pelo estudo, e este mundo se fora com sua morte. Pensei em minha mãe e a vi como a guerreira que sempre fora. Ainda pensei: com suas mãos ela me conduzia através deste mundo de tanta luta. Com ela aprendi a lutar e por este motivo vinha sendo atingida por tão rudes golpes e ainda permanecia de pé.

Entrei em meu quarto e disse que estava sentindo uma angústia horrível, e que ia descer e ouvir um pouco de música. Senti que se nada fizesse entraria em estado de catalepsia. Coloquei uma música de ritmo rápido e fiquei acompanhando o ritmo com o corpo, até ficar exausta.

Quando parei, estava tranqüila. Desliguei o aparelho de som e fui dormir.

Começara a tomar o antidepressivo a cada seis horas. Usava o despertador para me acordar à noite.

Depois de alguns dias comecei a ter intensa fraqueza muscular. Mal podia parar em pé.

Passei a ficar o dia todo deitada no carpete da sala ouvindo música clássica. Após alguns dias o meu ódio do mundo e a minha revolta contra Deus passaram. Achei que de tanto sofrer tinha me tornado uma estóica e que tempestade alguma poderia vir a me abater novamente.

Ouvia música clássica, cantava horas a fio, mas não permanecia em pé. Falava sem parar e até irritava meu marido de tanto falar. Certa vez ele demonstrou sua impaciência e eu disse firmemente: “Você vai me ouvir, quer queira ou não. Já houve ocasião em que precisou de mim e eu o apoiei. Sei que um dia o que tenho vai passar e você vai me apoiar até o fim de tudo isto!”

Como custaram a passar os dias em que o Dr. Gustavo esteve viajando...

Antes de ficar tão sem força muscular, fui com a Débora até um *shopping* procurar um impermeável para ela levar aos Estados Unidos. Depois de dados uns poucos passos pensei que literalmente fosse desabar no chão. Parecia não ter mais fim aquela fileira de carros, as distâncias pareciam enormes. Sentei-me num banco e pedi à Débora que fosse procurar o impermeável, voltando quando precisasse do cheque.

Ela achava ser melhor irmos embora. Insisti para ficar e disse: “O médico sempre pergunta se estou saindo, ele deve saber o que está falando e por isso não vai me acontecer nada.”

Dia 13 de janeiro houve uma reunião da agência promotora do intercâmbio e Débora pediu-me para comparecer. Desejava minha presença uma vez que, segundo alegava, iriam pensar que seu pai era viúvo pois jamais eu o acompanhara. Realmente, desde setembro ela e o pai estavam se mexendo e eu nunca participei de nada. Nem quando tirara o passaporte pude estar presente. Para participar da reunião desci do carro na porta, sentei-me imediatamente na sala da reunião e tudo decorreu sem problemas.

Bem, finalmente chegou o dia da consulta com o Dr. Gustavo.

A consulta foi longa, pois tanta coisa se passara em apenas vinte dias!

Meu marido se retirou da sala dizendo já saber de tudo que eu tinha a falar.

O antidepressivo foi trocado e passei a tomar apenas um comprimido diário e foi mantido o ansiolítico. A fraqueza muscular que sentia, talvez com a troca do antidepressivo, desapareceu.

Comecei outra fase.

O PRINCÍPIO DO FIM

Débora partiu para os Estados Unidos no dia 24 de janeiro.

Eu passava os dias ouvindo música clássica, ou escrevendo para minha mãe e minha irmã, ambas agora morando em Brasília.

Escrevia cartas quilométricas, e foi de minha irmã e meu cunhado que recebi o primeiro incentivo para escrever.

Passei a escrever poesias e a remetê-las. Não tinham e nem têm mérito literário, mas nelas colocava toda a dor que sentia.

A euforia, a agitação, os talentos surgidos do nada tinham desaparecido. Só restara uma grande tristeza.

Entre as poesias que escrevi conservei duas que, creio, são indicativas de toda a minha tristeza:

Nascimento

*Eu nasci,
Não foi ontem,
Foi há muito, muito,
Sem dor, sem lamento.*

*Em firmes passadas,
Pela vida caminhei,
Com dor não doída,
Com olhos sorrindo.*

*Tombos, percalços,
Poucos se deram,
Luta, bastante,
Sentido, nenhum.*

*Há pouco, nasci outra vez,
Houve dor, houve lamento,
Tombos, não cessam,
Luta, bastante.*

Ainda outra:

*Rasgo todos os meus véus
Em fúria incontrolável,
Meus olhos dardejam, a boca espuma
Sobre os trapos a meus pés, amontoados.*

*São pedaços partidos de minh'alma,
Do meu corpo, do meu ser,
Não os quero mais,
São retalhos duma alma fustigada.*

*Assombro a todos, retirando os véus
Tudo era novo, estranho, diferente,
Os véus só encobriam
Alguém sensível, sequioso de amor.*

*Procuro outros retalhos,
Caso-os um a um,
Tarefa amarga, triste e muito grande,
Consigo enfim, mas não os visto mais.*

Sentia uma solidão imensa. De uma hora para outra ficara sozinha dentro de casa. Débora estava longe, Vivian arrumara uma turminha de sua idade e com os amigos passava o dia. Rogério também, noutra turma, nunca ficava em casa.

Eu, que antes passava o dia inteiro junto deles, subitamente fiquei sozinha. Minha vida tornou-se vazia, sem qualquer sentido. Falava muito pouco com meu marido desde que ele se queixara do meu muito falar.

Recordava-me que antes Vivian tinha verdadeira devoção por mim, pois eu estava em todos os momentos à sua mão. Acreditava que ela de mim se distanciara por eu não ter mais utilidade, uma vez que mais nada fazia. Somente conseguia passar os dias ouvindo música. Como as crianças ainda estivessem em férias, o fato de nada fazer não tinha especial significado.

Minha aparência era ótima, estava com um ar saudável, descansado e tranqüilo. Recordo-me especialmente de uma senhora no cabeleireiro, quando falávamos sobre a viagem da Débora, perguntando:

“Como você conseguiu de uma hora para outra tornar-se uma pessoa tão tranqüila?” Ela sempre me conhecera tensa, preocupada.

Não pude lhe dar uma resposta. Não desejava falar-lhe da minha doença, do meu sofrimento e da perspectiva diferente que agora tinha da vida. Não podia dizer-lhe que toda a minha vida certinha, planejada, escorrera-me por entre os dedos. Por uma doença que jamais sonhara vir a ter, aceitava agora a vida sem esperar nada, sem sonhos, mas também sem preocupações. Aprendera que há fatos ocorrendo com ou sem a nossa vontade. Perguntou-me ela se não me preocupava com minha filha tão longe. Respondi com uma negativa pois pensava: preocupar-me com o quê? Se ela foi é porque é corajosa, tem forças para abrir caminhos com as próprias mãos. Tem caráter firme e sólido e, portanto, se algo acontecer será uma fatalidade que minhas preocupações de tão longe não impedirão.

Começava a pensar desta forma, bem como auto-avaliar minha vida: vi o seu pouco valor se nada enxergasse e fizesse, além do meu restrito mundo de marido-filhos. O sofrimento por que passara presenteara-me com novos sentimentos. Passei a entender o sofrimento alheio e a desejar minorá-lo quando e se me fosse possível.

Ter tido filhos e os criado e educado não mais me parecia justificar uma existência.

Meditava muito enquanto ouvia música horas seguidas.

Em fevereiro, quando voltei à minha consulta médica semanal, não tomava o antidepressivo há dois dias. Ele havia acabado e me sentia ótima.

Já estava indo às consultas sozinha. Meu marido não mais me acompanhava. A consulta decorreu normal e à saída perguntei-lhe se não ia me dar nova receita do antidepressivo. O Dr. Gustavo disse não haver necessidade, e assim saí feliz, acreditando já estar curada.

Entretanto, aquela alegria foi de curta duração. Um ou dois dias depois comecei a ter as mãos trêmulas, um suor abundante, uma persistente vontade de chorar, novamente o horror da morte, e sobretudo saudades de meu pai. Passei a registrar, por escrito tais sintomas, pois temia esquecê-los.

Comecei a ter crises de choro e numa delas pensei: tenho tantas lembranças a serem esquecidas que talvez se voltasse a estudar poderia esquecer tantas tristezas. Pensei em fazer cursinho e prestar vestibular para Comunicações e fazer Jornalismo. Achei que no curso talvez pudesse aprender a escrever pois passara a gostar de fazê-lo.

Tinha dúvidas se algum dia poderia voltar a estudar. Procurei em um livro de Medicina Legal, utilizado no curso de Direito, se achava alguma coisa que explicasse meu estado. Comecei a ler sobre um assunto qualquer. Levei meia hora lendo quatro linhas, lendo e repetindo em voz alta, mas não conseguia entender nada. Neste mesmo dia o padeiro veio apresentar a conta mensal, e enquanto preenchia o cheque falei qualquer coisa. Percebi que falava enrolando a língua e assim me calei imediatamente, coberta de vergonha. Não podia falar e escrever ao mesmo tempo. Minha falta de atenção e concentração atingiu tão alto limite que não pude colar as etiquetas nos cadernos do Rogério. Consegui colar seis, fazendo um esforço inaudito, quase vomitando, tamanho me parecia o esforço despendido.

Quando voltei ao consultório, em primeiro lugar li a lista dos meus sintomas diários e disse que antes de qualquer coisa queria saber se podia entrar num cursinho para fazer Jornalismo. O médico disse que sim e acrescentou julgar que eu estivesse bem mais deprimida. Perguntei-lhe se ia entender o que os professores falassem, lembrando meu esforço para entender quatro linhas. Perguntei ainda se poderia enfrentar o burburinho escolar. Nova resposta afirmativa. Na verdade, tinha receio de tudo que pudesse causar-me agitação. Já pagara um preço bem alto por isto e apavoravam-me as lembranças do que me causaram estados de agitação intensa.

Bem, dadas as respostas, ele disse ter de confessar *mea culpa*, pois a causa do meu deplorável estado fora a supressão do remédio. Ainda não podia ficar sem ele.

Recomeçando a tomar a medicação, tudo se normalizou instantaneamente. A situação de tal dependência começou a humilhar-me profundamente. Achava-me diferente das pessoas “normais”, que não precisavam de remédio para poder parar em pé.

Não sei se foi nessa ocasião, ou pouco após, que o Dr. Gustavo obrigou-me a frequentar o clube todos os sábados e domingos. Pela primeira vez eu o ouvi falar em tom imperioso. Disse que eu teria de chegar ao clube às oito horas da manhã e ficar nadando. Implorei-lhe que não me mandasse ao clube. A idéia de sair de casa e ter de ir para lá, que antes tanto apreciava, agora me deixava em pânico.

O Dr. Gustavo, contudo, foi intransigente.

Comecei a ir, sempre na companhia de Rogério, e na realidade até nos divertíamos. Ele vivia reclamando que não lhe fazíamos companhia por ficarmos muito tempo tomando sol. Agora, entretanto, como a ordem era nadar, eu ficava com ele quase todo o tempo na piscina.

O que detestava por ter de ir ao clube era olhar para toda aquela gente e pensar: eles são normais, não precisam de nenhum comprimido para parar em pé, poder ler, ou falar e escrever ao mesmo tempo.

Sentia-me humilhada, uma pessoa desprezível.

Minha disposição física, no entanto, era ótima. Nadava muito e aos domingos, quando voltava para casa, enfrentava os afazeres domésticos com excelente disposição.

Aliás, andava em fase de intensos exercícios físicos. Certa noite, quando meu marido saíra com as crianças, resolvi colocar um vestido e o zíper não subiu. Comecei a experimentar outras roupas e vi que não entrava em nenhuma calça comprida. Não gostei nada da descoberta, pois desde que me casara nunca perdera minha boa forma física. Naquela mesma noite comecei a fazer exercícios de um livro de ginástica canadense. Um dos exercícios mandava dar 50 saltos. Depois dos 25 nem conseguia mais respirar, banhada de suor e exausta. Não desisti. No dia seguinte comecei a fazer regime, lavava carro, quintal, ou qualquer coisa que me fizesse fazer exercício.

Dizia a mim mesma que a doença já me causara males suficientes, e fazer-me perder a boa forma não admitiria. Praticava a tal ginástica canadense sob suores abundantes, com esforço hercúleo; fiz um regime ascético e vinte dias depois estava em forma novamente. Engordara de tanto nada fazer, viver o dia inteiro deitada, ouvindo música, sem nenhuma restrição alimentar, talvez

pensando que continuaria não engordando, como antes. Perder peso pode parecer insignificante, mas para mim era imprescindível. Sempre tivera boa aparência pessoal. Pensar que até isto a doença me roubara, sem nada fazer para impedir, era contra um procedimento em que calcara toda a minha existência.

Parara também de dirigir. Embora isto fosse algo que sempre detestei fazer, queria voltar a fazê-lo. Não pretendia jamais voltar a dirigir sob pressão de horário, mas queria ter liberdade para passar a mão no carro, ir ao supermercado, ao clube ou a qualquer outro lugar, quando me aprobeasse.

Perguntei ao Dr. Gustavo se poderia voltar a dirigir e sua resposta-pergunta foi: “Por que não?” Assim recomecei outra vez. Suava em bicas de tanto nervoso, como se estivesse dirigindo pela primeira vez. Aos poucos voltei a dirigir naturalmente. A guerra começou outra vez quando meu marido me deu um zero quilômetro. Como todo carro sem nenhuma quilometragem é ainda um pouco duro, quando o meu chegou não consegui mudar as marchas direito, fazia uma barbeiragem atrás da outra.

Meu marido perguntou à Vivian por que eu estava nervosa e ela respondeu: “A mamãe acha que desceu um degrau na escada.”

É impressionante como ela, mesmo passando pouco tempo dentro de casa, me conhecia e analisava todas as minhas reações. Ela percebeu que eu lutava para voltar a fazer tudo que antes fazia, e ela própria criou a imagem da escada que eu queria subir. Uma vez eu dissera que o Dr. Gustavo me tirara do fundo do poço, e creio que ela fez qualquer associação e me via galgando degraus na escalada do poço. A imagem criada por ela não poderia ser mais fiel que a realidade.

Um livro inteiro que lesse me parecia uma reconquista, outro degrau subido. As acuidades de sentido que perdera eram uma reconquista, mais um degrau. Até não gostar de cozinha e não ter prendas domésticas eram outra reconquista, também um degrau subido.

Não queria ser diferente do que sempre fora antes de ficar doente. Não desejava mudanças. Queria apenas voltar a fazer tudo que antes fazia. Vencer

o domínio do carro zero quilômetro foi mais uma conquista. Que esforço, entretanto!

Começar o cursinho, contudo, não foi esforço algum. Afinal, fazia o que sempre gostara: estudar. Ia para lá com prazer, mas por vezes minha depressão aflorava. Quando vi uma colega contente porque seus pais tinham voltado de viagem, senti-me muito infeliz. Achava que meus filhos não tinham motivos para sentir-se contentes com minha presença pois vivia sempre alheada de tudo e de todos, imersa em minha tristeza.

Lembro-me de um dia em que fui com a Vivian levar o Rogério aos exercícios de motricidade. No caminho ela me perguntou por que estava tão triste. Minhas lágrimas começaram a correr, e depois que o Rogério saiu do carro, soluçando contei que aquele dia notara estar a mochila escolar dele completamente descosturada, o que antes não havia notado. Disse-lhe ter sido sempre uma mãe tão atenta, e agora nem sequer notara o estado lastimável da mochila que ele levava à escola. Ela retorquiu que a culpa não era minha e sim dele, que simplesmente costumava atirar sua mochila e lancheira em qualquer lugar. Tal argumento, entretanto, não impediu que para mim se tornasse visível o alheamento em que vivia quanto a ele e às coisas da casa. Rogério sempre atirara descuidadamente sua mochila, mas nem por isto, antes, ia com ela estراçalhada. Agora eu o deixava ir à escola com suas coisas em tão mau estado. Não via desculpas para meu comportamento e continuava imersa em minha tristeza permanente, sem ânimo para me interessar ou fazer outra coisa qualquer além de ir ao cursinho. Prestava atenção às aulas, interessada, relacionando-me bem com meus colegas, mas isto era tudo. Não fazia mais nada além disto. Transferira-me da sala, onde antes ouvia música o dia todo, para o meu quarto, onde estudava um pouco, via televisão ou dormia. Aliás, nos fins de semana nada fazia além de dormir. Dormia pela manhã, à tarde e à noite. Creio que se pudesse emendaria todos os períodos e ficaria dormindo noite e dia sem parar.

Sair, fazer compras de roupas para mim, para o Rogério e a Vivian era um esforço que adiava dia-a-dia. Sair de casa para simplesmente passear era um esforço ainda maior. Não tinha interesse por nada.

O verão acabara e com ele minhas idas ao clube para nadar. Saía, algumas vezes por obrigação, para acompanhar a família, mas não gostava de fazê-lo. Chorava ocasionalmente, como num domingo de Páscoa em que, em copioso pranto, dissera a Deus que afinal Seu sofrimento durara tão pouco, para logo após Ele ressuscitar gloriosamente. Ajoelhada implorava Sua ajuda para meu sofrimento que já durava tanto e não via seu fim.

Continuava ainda indo ao consultório médico todas as semanas, tomando meu antidepressivo, agora com dose aumentada.

As consultas então eram menos formais, talvez apenas espacialmente. Nos primeiros meses o médico ficava sentado atrás de sua mesa e meu marido e eu em frente, em duas cadeiras, como em qualquer consulta médica. As perguntas eram bem objetivas, meu marido opinava por vezes e eu respondia ao que me era formulado. Depois de algum tempo passei a ir sozinha, mas o esquema era o mesmo. Com o correr do tempo o médico e eu passamos a ficar sentados em uma poltrona, um de frente ao outro, creio que num esquema de psicoterapia, e a sessão se desenvolvia mais solta.

Sempre evitei levar ao médico problemas que normalmente são abordados numa psicoterapia, como o péssimo relacionamento que tinha com minha mãe, a minha sensação de abandono quando aos sete anos fui colocada num colégio interno, e tantos outros problemas que arrastamos pela vida. Receava que se começasse a abordar tais assuntos levaria anos para ter alta, e então focava toda a sessão em torno da minha depressão. Tudo o que queria era ficar “normal” e não precisar mais tomar remédios. Ficar livre dos medicamentos era a minha grande meta.

Às vezes levava algumas redações que fazia no cursinho para ler e mostrar-lhe como o que redigia era o retrato de tudo o que sentia.

Numa dessas ocasiões ele sugeriu que eu escrevesse sobre minha depressão. Ele disse que sobre este assunto eu dava “banhos” em qualquer psiquiatra.

Minha atitude exterior, entretanto, não era de uma pessoa sombria, de tristeza infinita. Somente por dentro eu me sentia esmagada, feita em frangalhos. Saía pouco, com sacrifício enorme, mas o fazia. Conversava, ria,

mas sentia-me uma morta-viva. Tudo parecia ter morrido para mim, só restara aquela tristeza infinda.

Isto é a depressão. Não são pequenos momentos de tristeza, de angústia, de “fossa”, mas uma tristeza que não nos deixa nunca, uma apatia, uma escuridão sem fim. Tudo isso e principalmente a ausência de forças para lutar, para sair desse estado.

Recordo-me de certo dia em que cheguei do cursinho, almocei, fui para o meu quarto, deitei-me sobre a colcha e lá fiquei uma tarde toda. Permaneci deitada imóvel, olhos parados sem acender um único cigarro, eu que era uma fumante inveterada.

No feriado de primeiro de maio fui com Rogério visitar minha irmã em Brasília. Ela ficou pasma com meu comportamento, e achou que jamais poderia ter estado melhor em minha vida. Ela fazia comparações com a irmã que sempre conhecera agitada, tensa, e deparava com outra. Uma irmã serena, de feições e atitudes tranqüilas, e assim achou que eu jamais poderia ter estado melhor.

Certa noite fomos jogar em casa de parentes de seu marido, e na volta vi que ela estava prestes a bater num carro se não fosse avisada.

Calmamente eu disse:

“Olhe, acho que você vai bater.”

Minha maneira tão tranqüila de avisá-la deixou-a estupefata. Ela dizia e repetia não poder acreditar que alguém pudesse se transformar tanto.

Na realidade, creio que a explicação era bem diferente. Acredito que tudo ao meu redor me despertava tão pouco interesse que bater o carro ou não, pouco me importava.

É verdade que na ocasião não sabia ser minha serenidade, tranqüilidade, fruto de tanta apatia. Impressionava bem minha aparência tranqüila. Até que eu gostava dessa mudança.

Um dia, quando minha irmã e eu conversávamos, ela sempre repetindo quanto eu estava bem agora, eu disse:

“É, o que restou da minha doença é uma tristeza tão grande, que parece nunca mais acabar.”

Ela respondeu:

“Você vai ver, dentro de alguns meses você vai estar felizinha, felizinha, com a força de vontade que tem, que nunca vi igual.”

No aeroporto despediu-se de mim com os olhos cheios de lágrimas emocionada com a alegria de ter-me visto tão bem.

Assim ia eu, arrastando uma aparência de serenidade, escondendo o meu mundo tão triste, de alma estilhaçada.

Em junho precisei voltar a dirigir com habitualidade. Entrar novamente nos colégios do Rogério e da Vivian e esperar por eles me deram tão grande alegria...

No colégio de Rogério, ao falar com o diretor, debulhei-me em lágrimas. Lá estivera pela última vez em novembro do ano anterior, um dia antes de começarem as atrozes dores de cabeça. Elas tinham me levado a idas e voltas ao pronto socorro, até culminarem naquele processo medonho de achar que ia morrer. Voltar a pegar meus filhos na escola era outro degrau que subia, do horror do poço onde afundara.

Entretanto, ao lado daquela alegria que sentia comecei a chorar de temor pela volta de Débora dos Estados Unidos. Nosso relacionamento, antes de sua partida, tinha sido de tal forma pontilhado de agressões que temia sua volta e o retorno a tal situação. Eu me sentia tão machucada, tão machucada, que a agressão de um filho adolescente me parecia uma dor a mais a não ser suportável.

A adolescência é uma fase difícil, tanto para o adolescente quanto para os pais. É apenas uma fase normal transitória. Entretanto para mim, alquebrada, moída de pancadas da vida, uma passagem normal da vida de pai-filho assumia proporções aterradoras.

A adolescência de Débora, todavia, terminou lá nos Estados Unidos.

Recebi de volta uma filha crescida, amadurecida, e sua volta foi o começo da minha cura total.

UM FINAL FELIZ

Débora retornou de sua viagem necessitando submeter-se a ginástica e exercícios físicos.

Propus-me a acompanhá-la nos exercícios, e assim começamos a ir juntas correr diariamente. Em casa fazíamos os exercícios de ginástica canadense que auxiliaram minha perda de peso no início do ano.

Era mês de férias, logo, não havia escola ou qualquer obrigação cotidiana. Tínhamos o dia pela frente para sermos companheiras, andando, correndo, fazendo exercícios e conversando.

Eu, que me sentia tão sozinha, tão abandonada por não ter mais filhos a me fazer companhia, readquirira um.

Vivian continuava embevecida com a turma da qual fazia parte, pouco parando em casa, e Rogério continuava com seus companheiros, brincando sempre fora.

Contudo, Vivian muito me auxiliou na fase depressiva, embora pouco ficasse em casa. Apesar de ter apenas 14 anos, nada escapava à sua percepção.

Quando conversávamos, com frequência me fez ver ângulos diferentes dos meus, fazendo com que eu melhor me entendesse ou me aceitasse. Sempre sabia exatamente quando eu estava triste ou contente. Se triste, muitas e muitas vezes falava-me de forma tão adulta, tão compreensiva, que se eu estivesse chorando, o pranto cessava.

A despeito de dar-me tão forte apoio, continuava afastada de casa, tendo abandonado o balé que tanto adorava, deixado de jogar vôlei e saindo-se pessimamente na escola.

Agora escrevendo tudo isso pergunto-me se seria conseqüência de minha doença ou teria sido a adolescência em que ela entrara. Desligara-se de tudo, nada interessando-a senão sua turma. Não sei se seu comportamento foi provocado por minha doença. Se o foi, felizmente tudo passou. Repetiu a oitava série mas vai até participar das Olimpíadas de Matemática em seu colégio. Voltou a fazer balé e reingressou no time de vôlei juvenil do clube. Hoje em dia raramente procura seu grupo.

Rogério também abandonou a turma. Voltou a ser meu companheiro, agora de *cooper*, acompanha-me aonde vou e voltou a praticar futebol de salão.

Tudo retornou ao que fora antigamente, de forma lenta e gradativa. Minha depressão foi acabando de modo visível, mas ainda havia outro longo caminho a ser percorrido.

Em fins de julho perguntei ao Dr. Gustavo se podia abandonar o ansiolítico, pois não mais via em mim traços de ansiedade. Ele assentiu e comecei minhas tentativas. Ocorre que meu organismo de tal forma se habituara ao remédio que sua supressão me fazia sentir arrepios de frio, alternados com ondas de calor; suava abundantemente, tive meu controle motor alterado, dores de cabeça, fortes pressões nos ouvidos, a ponto de por vezes pensar que meus tímpanos iam estourar, além de não conseguir dormir.

Logo senti-me vencida. Achei que jamais ia conseguir largar os comprimidos. Aquilo causou-me grande tristeza. Desejava tanto voltar a ser uma pessoa, como dizia, não-artificial, e a não viver auxiliada por medicamentos. Abandonar o ansiolítico era vital para mim. Queria sentir-me uma pessoa sem ansiedade, por não tê-la, e não porque os comprimidos artificialmente me induziam a tal comportamento. Voltei a tomá-los e quinze dias depois recomecei a luta, diminuindo apenas meio comprimido de dois que tomava diariamente.

Na ocasião já havia deixado o cursinho, pois ingressaria na faculdade sem vestibular por já ser portadora de diploma de curso superior. Pretendia passar o segundo semestre somente indo ao clube, fazendo ginástica, cantando no coral, em suma, fazendo nada.

Entretanto, Débora quando retornou dos Estados Unidos elogiava muito o meu inglês. Assim, quando ela decidiu-se a prestar um teste para fazer o curso de intérprete, resolvi fazê-lo também. Nem ela nem eu passamos no teste, mas fui selecionada para um estágio imediatamente inferior, exclusivamente especializado em Traduções Português-Inglês.

O curso era puxadíssimo, com um nunca acabar de lições. Estudava de manhã, à tarde e nos fins de semana. Minha vontade de desistir era intensa.

Não o fiz por sugestão do Dr. Gustavo e também porque, sendo um curso caríssimo, de pagamento quase à vista, não me atrevia a dizer a meu marido que ia abandoná-lo.

Bem, como tinha que continuar o curso, estudava com afinco.

Freqüentemente ia às aulas com fortes dores de cabeça, mas feliz pois já deixara meio comprimido do ansiolítico. À noite a pressão nos ouvidos aumentava e na cama passava horas e horas acordada, mas sorrindo de pura felicidade por ter suprimido mais meio comprimido. Muitas vezes agradecia a Deus por estar fazendo aquele curso que tanto detestava. Sabia que se não houvesse aquelas lições intermináveis que me tomavam o dia todo, até os fins de semana, seria muito mais difícil suportar tanto mal-estar físico. A cabeça latejava mas havia traduções a serem feitas, aulas a serem assistidas, a freqüência 100% a que me obrigava, e assim eu fazia as minhas dores suportáveis. Por vezes me lastimava de tanta dor e revolta por um ano e meio de dores e luta sem fim. Mas era apenas um desabafo de curta duração. Pouco após estava eu novamente feliz com as boas coisas que a vida tinha a me oferecer e as batalhas sucessivas que vinha vencendo.

A cada vinte dias aproximadamente, deixava mais meio comprimido. Cada diminuição era seguida dos mesmos mal-estares físicos. No final, creio que no mês de novembro, só me restara um quarto de comprimido, que tomava pela manhã. Já dormia bem à noite, meu organismo estava se readaptando à supressão do remédio.

Finalmente um dia anunciei galhardamente que não tomava mais o ansiolítico. Creio que todos suspiraram aliviados e até uma garrafa de champagne foi aberta para comemorar tal fato.

O processo de deixar o remédio não difere muito de abandonar o cigarro, só exigiu de mim bastante tenacidade. Valeu-me, entretanto, grande admiração aos olhos de meu marido. Até hoje ele às vezes me parabeniza dizendo que realmente sou digna de elogios pela força de vontade demonstrada.

O antidepressivo também começou a ser paulatinamente diminuído. Tomava-o apenas antes de dormir e deixava o da manhã.

Sentia-me feliz. Tive alguns problemas domésticos decorrentes da tensão de uma reforma em casa que se iniciara em junho, mas nada me abatia.

Passei a tomar o antidepressivo a cada três dias, até que finalmente Dr. Gustavo disse-me não haver necessidade de tomar mais remédios.

Confesso que fiquei assustada. Tinha receio de largá-los e voltar a passar pelos horrores que sofrera.

CONCLUSÃO

Entretanto, em vez de voltar a sentir qualquer depressão, minha vida agora parece mais rica do que nunca.

Em fevereiro comecei as aulas na faculdade.

Quando a princípio voltei a pensar em estudar, só o fiz com o intuito de ajudar-me a esquecer tanta tristeza sentida. Com o passar do tempo, quando comecei a analisar a vida que sempre levava, a pensar no sentido da minha existência, decidi norteá-la extrapolando os limites domésticos.

Meu gosto pela leitura, pelo estudo, pela meditação levou-me a desejar voltar a estudar quando ainda no auge de meu processo depressivo. Ao retornar aos estudos, ainda no cursinho, com as contínuas reflexões que fazia sobre meu sofrimento descobri que ao meu lado estava o Outro. Suas angústias, seus padecimentos, suas misérias levaram-me a desejar sair de minhas quatro paredes, de ótica tão restrita. Passei a buscar uma atividade de cunho social adequado ao meu perfil, onde pudesse ser útil. Por enquanto ainda não encontrei nada, mas sigo aguardando o futuro confiantemente. Já caí tão fundo, me senti feita aos pedaços, arranhada, dilacerada, mas consegui levantar-me tão cheia de força, tão íntegra, que agora só vejo o futuro como um lindo arco-íris. As cores não são mais tonalidades vibrantes, como as do meu primitivo mundo de euforia, são apenas suaves e lindas.

Escrevi este livro desnudando-me, na esperança de que meu sofrimento, a vergonha que muitas vezes senti e que até hoje ainda se faz presente, com o desejo intenso de que os mudos gritos de desespero que lancei por quase dois anos a alguém possam vir a emudecer.

Que assim pudesse, da leitura destas memórias, ao menos uma voz cessar seus lamentos, a escuridão se abrir, a esperança perdida retornar, e este livro já teria cumprido sua finalidade.